LULA
1932

Para clarear os dentes
e desinfectar a bocca
O melhor meio de limpar e clarear os dentes é o uso da PASTA ODOL.
A PASTA ODOL deixa os dentes alvos sem atacar o esmalte, visto ser composta de substancias macias e não crystalisadas.
A completa hygiene da bocca, porém, não se satisfaz com a simples limpeza dos dentes.
Impõe-se o uso diario de um elixir que evite a carie e desinfecte a mucosa.
O LIQUIDO ODOL e o melhor elixir dentifricio do mundo, pois suas virtudes principaes são justamente as de evitar a carie, desinfectar e refrescar a bocca, fortalecer as gengivas, dissolver as pedras [tartaros] e perfumar o halito.
KOHOUT
NEW YORK
ODOL

Para todos...

DIRECTORES

ALVARO MOREYRA E OSWALDO LOUREIRO

ASSIGNATURAS

1 ANNO — 75$000

6 MEZES — 38$000

RUA DO OUVIDOR 181 — 1.º

END. TELEGR.: "PARATODOS"

TELEPHONE: 2-9654

RUMBA CUBANA

Desenho de Covarrubias

AS CREANÇAS
E OS VELHOS
Nas Creanças, a tosse é um mal quasi que permanente. Sejam sadias ou doentes, as creanças não escapam á visita frequente da tosse. E o "Bromil" na tosse das creanças, é de um effeito admiravel, bem como na coqueluche, cujos áccessos cédem rapidamente ao poderoso xarope.
Para os Velhos, o "Bromil" é uma protecção providencial: combate a chamada Tosse dos Velhos e, acalmando os accessos que se manifestam de preferencia á noite, permitte ás pessoas de edade o beneficio de poderem dormir tranquillamente.
KOHOUT NEWYORK
TOSSE ? BROMIL

POESIA

CERTAS pessoas se esfalfam, a vida inteira, perseguindo a poesia. Procuram rimas nos diccionarios, contam syllabas pelos dedos, escrevem, passam a limpo. Depois, recitam a obra acabada, com solfejos na vóz e gestos exquisitos. Membros da familia e o circulo das suas relações chamam essas pessoas de poetas. Algumas divulgam, nas revistas aos sabbados e nos jornaes aos domingos, o producto das horas de inspiração. O mesmo producto chega até a se apresentar em livros, geralmente "dados á luz da publicidade por insistencia de amigos" e abertos pelo prefacio de um dos amigos que nunca insistiu...

Por causa da perseguição dessas pessoas é que a poesia se esconde e, ás vezes, surge em quem nunca andou atraz della.

Quando morreu, ha pouco, em Liverpool, Sir John Bickerstaff, entre as corôas que lhe cobriam o tumulo appareceu uma do seu velho criado, com esta inscripção:

"Apaguei o fogo. A agua está quente. As portas e as janellas estão fechadas. As ratoeiras estão armadas. Boa noite, Sir John."

Eram coisas que elle dizia, todas as noites, na hora em que o patrão ia dormir.

Existe por ahi um soneto de chave de ouro para apostar carreira com a poesia-sem-querer do velho criado de Sir John Bickerstaff?...

ALVARO
MOREYRA

Nas Creanças, a tosse é um mal quasi que permanente. Sejam sadias ou doentes, as creanças não escapam á visita frequente da tosse. E o "Bromil" na tosse das creanças, é de um effeito admiravel, bem como na coqueluche, cujos áccessos cédem rapidamente ao poderoso xarope.

Para os Velhos, o "Bromil" é uma protecção providencial: combate a chamada *Tosse dos Velhos* e, acalmando os accessos que se manifestam de preferencia á noite, permitte ás pessoas de edade o beneficio de poderem dormir tranquillamente.

TOSSE ? BROMIL

POESIA

CERTAS pessoas se esfalfam, a vida inteira, perseguindo a poesia. Procuram rimas nos diccionarios, contam syllabas pelos dedos, escrevem, passam a limpo. Depois, recitam a obra acabada, com solfejos na vóz e gestos exquisitos. Membros da familia e o circulo das suas relações chamam essas pessoas de poetas. Algumas divulgam, nas revistas aos sabbados e nos jornaes aos domingos, o producto das horas de inspiração. O mesmo producto chega até a se apresentar em livros, geralmente "dados á luz da publicidade por insistencia de amigos" e abertos pelo prefacio de um dos amigos que nunca insistiu...

Por causa da perseguição dessas pessoas é que a poesia se esconde e, ás vezes, surge em quem nunca andou atraz della.

Quando morreu, ha pouco, em Liverpool, Sir John Bickerstaff, entre as corôas que lhe cobriam o tumulo appareceu uma do seu velho criado, com esta inscripção:

"Apaguei o fogo. A agua está quente. As portas e as janellas estão fechadas. As ratoeiras estão armadas. Boa noite, Sir John."

Eram coisas que elle dizia, todas as noites, na hora em que o patrão ia dormir.

Existe por ahi um soneto de chave de ouro para apostar carreira com a poesia-sem-querer do velho criado de Sir John Bickerstaff?...

ALVARO MOREYRA

Mercadores de Homens

Francis André

NAQUELLE dia eu estava designado para fazer parte da descarga do café. A's 6 horas e meia, perturbado ainda por sonhos chaoticos, ahi do meio dos que dormiam, calcei os sapatos, e fui-me juntar aos grupos que começavam a formar-se diante das barracas.

A aurora, já proxima, espantára a tempestade. Mas o gelo nunca fôra tão duro. Vinha do lado do Noroeste uma brisa fina que nos golpeava como navalha. Como tinhamos o habito de dormir vestidos, nos achavamos por isso entregues, sem transição e sem defesa, ao frio. Os nossos bronchios estavam atacados. Tossiamos, escarravamos como tisicos.

O mundo penosamente largava a noite. As barracas em torno pareciam coisas atiradas do alto e achatadas com a quéda. No escriptorio do chefe, já havia luz. Que se passaria lá dentro? Aquelles escrevinhadores não costumavam levantar-se tão cedo.

— Vão dispensar-nos, talvez, suggeriu alguem.

Puzemo-nos em marcha. A neve, crystalisada pelo gelo, estalava debaixo dos nossos pés. Ao passarmos em frente da taberna do acampamento, fomos obrigados a dar uma volta para evitar a procissão de famintos que aguardava a hora de abrir.

Na cozinha, nos fizeram esperar uma meia hora para sermos servidos. Os cozinheiros, sobras dos campos de batalha, resmungavam junto dos fogões, desperdiçavam o tempo como si não existissemos. Essa apathia provocava, ás vezes, de um dos nossos, reclamações cochichadas com prudencia. Por fim, dois a dois, na ordem numerica das barracas, seguiamos. Aos pares, jungiamos aos pulsos cubas brutaes. Depois, com as pernas entesadas pelo esforço, nós nos punhamos a caminho do campo. Ao fim de trinta passos paravamos estafados. Então, cada um tirava do bolso, ou uma cabaça ou uma garrafa, que enchia de liquido. Era o salario tacitamente tolerado dos homens do carregamento. Mettiamos aquillo no peito entre duas roupas. Isso dava um certo bem estar, sentir, perto da carne, um pouco de calor no meio de todo aquelle frio inimigo. Alguns queimavam a garganta por quererem beber logo alguns goles. O calor era, aliás, o unico merito daquella bebida, uma especie de chá insipido e turvo. Diziam os homens que era feno fervido. Mas o acolhiam sempre bem. Esse chá fazia o effeito de sol deretido no fundo de um mar gelado. Quando chegamos, a turma de trabalhadores, áquella hora geralmente ainda entorpecida e mole, estava, nessa manhã, toda agitada. Os homens, com ar preoccupado, rostos lugubres, dobravam os saccos de palha, arrumavam.

— E' preciso que vocês se despachem! — gritou o chefe da turma. Dentro de dez minutos vae haver uma chamada geral ao escriptorio. E' exactamente o tempo necessario para beberem a tisana.

— Bem que eu dizia, resmungou Debuisson, que remexia no sacco em busca de alguma coisa. Não é para bem que nos fizeram jejuar e gelar hontem.

Tanto procurou que conseguiu o que desejava: a meia ração de pão da vespera que se perdera no meio de uma porção de meias sujas. Com gestos cuidadosos e assustados de avaro, elle segurava o pequeno embrulho. Os nossos olhos, cruelmente fixados, flammejaram um instante, depois se extinguiram. Rumores vindos não se sabe de onde, circulavam, se propagavam de grupo em grupo, rapidamente ampliados e deformados. Uma inquietude pesada se apoiava nos nossos corações.

— Parece que desta vez é coisa boa, disse um tal Boram, que tinha confusas ligações com o escriptorio. Precisam de homens para trabalhar nas minas e cavar trincheiras nas fronteiras russas.

Um clarim resoou na aurora nevosa. Depois a porta se abriu e os russos entraram. Vestiam uns sobretudos cinzentos, compridos, e sob o espesso capacete de lã, os rostos pareciam parados e frios como steppes. Já estavamos acostumados com a presença quotidiana delles em volta de nós. Os allemães os empregavam em toda a especie de trabalhos sordidos. Eram camponezes como nós. Davam a impressão de arrastar atraz delles uma longa e resignada fadiga. Por meio de gestos nos fizeram comprehender que deviamos sair. Nós nos equipamos e tratamos de segui-os. Todas as barracas jogavam para fóra os seus conteúdos miseraveis. Soldados, com baionetas nas espingardas, nos arrumavam em fileira. Uma ordem, e toda a massa se poz em movimento; milhares de sapatos ferrados rangeram sobre a neve. Attingimos em minutos a pequena colina sobre a qual se achava a construcção de tijolos que chamavam de escriptorio. Lá, nos alinharam em quatro filas.

A luz matinal estava com pena de romper a neblina, de se espalhar. Era menos aurora do que crepusculo. Havia já muitos dias que o sol se fechára, se encavernára no craneo opaco do céo, por detraz do grande rosto convulso. Iria mostrar-se ainda ardente e vermelho sobre as planicies?

Meia hora passou enterrando cada minuto na nossa carne. Resistimos o maximo de tempo possivel, depois tivemos de começar a bater com os pés e a saltar no mesmo logar por causa das picadas das myriades de alfinetes que brotavam da neve gelada e nos fisgavam a sola dos pés. Tiritavamos como ramos seccos e os nossos rostos se escavavam, se decompunham de instante a instante.

O nosso grupo era o que se mostrava menos abalado, que parecia mais solido. Ao nosso lado, espinha collada ao ventre, rosto livido, os homens de Gembloux tinham o ar de cadaveres que uma força invisivel sustentava de pé. Exgotados por privações já antigas e por uma estadia no campo mais longa do que a nossa, esses infelizes não eram mais do que esqueletos que o frio arruinava sem piedade. Esperava-se que de um momento para outro algum tombasse.

Quando o escrevente do escriptorio fez a chamada precisou esbravejar e ameaçar para arrancar daquelles peitos uma resposta guttural.

Junto ao cercado passou um grupo de prisioneiros de guerra francezes, a caminho da missa. Tinham bom aspecto, vestidos com os sobretudos da côr do céo. Caminhavam rindo e conversando e o sangue da vida dava-lhes á pelle dos rostos a côr do vinho do paiz de França. Olharam-nos espantados. Nós lhes davamos a impressão de uma floresta definhada e negra surgida da neve. Alguns tiraram dos bolsos biscoitos e nol-os atiraram. E a miseravel e cruel esmola nos poz em luta. Embora os gritos dos soldados que nos separavam com golpes de coronha, nós nos escoiceavamos, nos batiamos, arrancavamos, uns dos outros, o maná miraculoso que se pulverisava na luta.

O grande Jacques foi o primeiro que se desembaraçou da confusão. Atirára ao chão seis homens e conquistára um pedaço de biscoito que, incontinente, atirou para o ventre. De repente, bateu com o cotovello nas minhas costellas, dizendo:

— Olhe! Os mercadores de carne passeiam.

Em frente, no valle, passava um auto entre as arvores negras, sobre a neve dura. Seguia pela estrada que vem da estação e sobe atravez da planicie para o campo. Num instante desappareceu atraz de um grupo de barracas. Depois o ruido do motor, galgando a encosta, tornou-se mais forte e em seguida, perto de nós, a machina roncou e parou diante do escriptorio. Desceram do auto dois militares e dois civis. Só os pudemos ver de costas, no momento em que transpunham a porta onde brilhou um instante o rubor de um fogão bem alimentado. Ouviam-se, de lá de dentro, vozes fortes que conversavam e riam. Com certeza bebiam algum "grog" capitoso e reconfortante. Os rostos illuminados dos dois civis se enquadraram na janella. Deviam falar em nós, pois, de vez em quando, se voltavam para os que estavam no interior do escriptorio com uma expressão de despeito desdenhoso. "Pobre mercadoria, diziam, sem duvida".

— Morrer! — rugiu Jacques. Mil vezes antes morrer do que mover um dedo que seja da minha mão para esses abutres!

Um odio feroz, horroroso, de força com-

primida, convulsionou o seu rosto. E esse odio, no mesmo instante, nos traspassou, nos envenenou. Elle subia do fundo de nós, do fundo das raças esmagadas que existem em nós; elle se alimentava em toda a nossa carne martyrisada, como numa arvore vergada sob o vento se reunem todas as energias, toda a força obscura da terra. Era um odio immenso, dynamico, que subia, que brotava com uma espontaneidade ardente e segura.

Aquelles dois civis diante de nós! Aquelles homens altivos, arrogantes e frios! Aquelles que lá estavam eram os patrões, nossos inimigos verdadeiros. Eram aquelles que precisavam de nós para extrahir a hulha, fundir os canhões, realisar dividendos, era para elles que nós estavamos na neve com a barriga vasia e a carne torturada. Eram aquelles que detinham, sob os joelhos, a raça humana offegante e mutilada. Ali, muito mais do que nos campos de batalha, os verdadeiros inimigos se achavam frente a frente.

A agitação do odio nos galvanisára. Os mais fracos, os mais abatidos pareciam ter adquirido um vigôr mysterioso. Obscuramente, os nervos trabalhavam, os pulsos se endureciam, se fechavam no vacuo. Era horrivel, aquellas fileiras de homens lividos e descarnados, cujos olhos flammejavam. E o peso concentrado de todos aquelles olhares ia-se apoiar, atravez dos vidros, no rosto dos traficantes de carne humana. Não puderam resistir muito tempo. Deram meia volta e desappareceram, como que esmagados.

A porta do escriptorio se abriu. Um official appareceu na soleira. Era um homem moço, alto, efeminado, gestos calmos, olhos neutros. Falou-nos em bom francez:

— Vocês estão todos aqui soffrendo fome e frio. E' claro que não podemos offerecer-lhes vantagens em troca de nada fazer. Precisam de trabalhadores para as minas do Rhur. Lá serão bem alimentados, bem installados e o trabalho será pago. Aquelles que quizerem assignar um contracto poderão apresentar-se no escriptorio já e no correr do dia.

Um silencio pesado enterrou estas palavras. Ouvia-se o ruido do vento nas angulos das barracas. Na extremidade do alinhamento, um homem caiu. Os russos se apressaram em transportal-o.

Ninguem se movia. A revolta vibrava ainda nos nossos corações. Alguns seriam caçados, ainda dessa vez, alguns dos mais vacilantes, dos mais miseraveis. Mas em pleno dia, diante de todos, nenhum ousava dar um passo para a abdicação e a submissão. Aquelles que cediam, faziam os seus contractos ás escondidas, ao cair da tarde, como quem fecha um negocio vergonhoso. Da nossa massa se desgarravam assim, todos os dias, pequenos grupos de vencidos.

O official orador havia já, repetidas vezes, sondado a nossa psychologia. Sabia bem que naquelle momento nada podia conseguir de nós.

— Comprehenderam? — accrescentou, com uma inflexão de voz adoçada. E' do interesse de vocês obedecer e trabalhar. Agora voltem para as barracas e reflictam.

Ladeados por soldados, descemos para o campo, e nos espalhamos pelas barracas, que a nossa ausencia tornara mais frias, mais sinistras do que nunca. O céo estava baixo, se carregava de novo. Começava a nevar. Felizmente annunciaram a distribuição de combustivel. Fomos buscar no armazem os dois baldes de carvão que constituiam a ração de uma barraca. Depois accendemos o unico fogão, em torno do qual se agglomerou um vasto circulo humano cujo centro cozinhava e a circumferencia de costas curvadas e nodosas, estava em toda a sua extensão estriada de arrepios.

Depois da sopa do meio dia — uma papa turva — novo alarme revolucionou a turma. Um soldado encapuzado de neve abriu bruscamente a porta e, depois de impôr silencio, começou a gritar os nomes, comicamente rebaptisados na sua bocca teutonica, de uns cincoenta deportados. Cinco homens da nossa barraca, entre elles um da minha aldeia, o pae Lucas, se achavam entre os chamados.

O chefe da turma nos traduziu as coisas compactas que discursára o soldado.

— Esses cujos nomes foram citados devem immediatamente preparar-se, embrulhar as roupas e levar as cobertas e esteiras para o armazem. Em seguida passarão pelo escriptorio, onde lhes serão dadas as necessarias instrucções.

Todo o nosso grupo, arrancado do entorpecimento preguiçoso do fogo, se comprimia offegante, junto dos dois homens. Que significava aquella chamada? Seria o começo da volta tão esperada? Ou o signal de uma serie de levas com destino aos campos de disciplina e estaleiros longinquos. O soldado, interrogado, não soube responder. Uma tempestade de suggestões se desencadeava no nosso cerebro.

Os que tinham de partir preparavam-se febrilmente.

Ajudamos o pae Lucas a arrumar as suas coisas. O pobre homem, cujo espirito primitivo nunca se acostumára áquelle transtorno na sua vida pacata, parecia atordoado.

Acompanhavamos os que partiam até o armazem. Aquelle alarme produziu entre nós o effeito de um ponta-pé num formigueiro. Todos os deportados, macilentos, andrajosos, andavam em volta dos que se iam embora.

A neve tombava mais forte, dura e cortante como o gelo. Depois de uma rapida parada diante do escriptorio, onde deram, a cada um, uma ração de pão e um pedaço de salchicha preta, a turma se pôz em marcha, um official na frente e soldados ladeando-a. Os nossos olhos ficaram, por longo tempo, fixados na massa que ia diminuindo. Entre as ultimas, as costas curvas do pae Lucas se sacudiam sob o fardo. Dentro de pouco via-se apenas uma pequena coisa cinzenta que se mexia e logo o grupo se sumiu na encosta, engolido pela neve e pela distancia. Sentiamos no coração uma chaga e uma angustia. Para onde iriam aquelles companheiros? Só mais tarde conhecemos o calvario delles...

O resto do dia passou lugubremente. A fome eterna, impiedosa, rondava nos nossos ventres. Corriamos á taberna, arranjavamos astucias, lutavamos para conquistar um logar junto ao fogo. Assim que algum se levantava, obrigado a isso por qualquer necessidade, vinte postulantes gelados se precipitavam. A luz sombria de dezembro, entrando pela janella, parecia sentir repugnancia de espalhar em torno de nós um pouco de claridade.

Já quasi noite, o vento, que diminuira a sua força ás primeiras sombras, açoitava de novo a barraca. O grande Jacques, de pé junto da janella, fez-me um signal. "Venha ver, disse elle, os desgraçados que se entregam."

A pouca distancia um homem se insinuava ao longo de uma sebe. Um pobre e miseravel homem de espinha quebrada, caminhar arrastado. O sobretudo abanando em volta do corpo dava-lhe o aspecto de um desses bonecos esqueleticos que se põem ás vezes, vestidos de maneira ridicula, no meio dos campos. Sacudido pelo vento, lá ia, procurando tornar-se o menor possivel, incorporando-se á neve e ao crepusculo. Chegando ao fim da sebe, tomou o caminho que subia, e a sombra occultou o seu vulto em fuga.

Em seguida, outros vultos surgiram das barracas e se puzeram em marcha dentro da escuridão. Só os distinguiamos confusamente. Uns após outros, empurrados pela mesma força, aquelles vencidos iam vender os braços enfraquecidos pelo pedaço de pão que lhes salvaria a vida.

Em silencio assistimos á partida.

Um, que o soffrimento havia sulcado fortemente as faces, pronunciou estas palavras, que tombaram sobre nós como uma pedra:

— Isso ou a morte... Temos que escolher.

MADEIRA
de Basile Kassiane

O ríthmo da terra carioca

DANTE COSTA

PASSA o grande desfile das gentes, na cidade de côres e de sons.

O dia está bem vivo. O sol machuca impiedosamente os negros, os brancos, os mestiços.

Dansa no ar uma sarabanda de rythmos sôltos. Sambas do Brasil, em que ha unidade de varias raças e harmonia de varios soffrimentos. "Fox-trots" doidos da Broadway. Valsas de Vienna. Operas hystericas. Stravinsky. Verdi. A vóz gostosa dos cantores populares. A dolencia morna dos tangos. Toda essa immensa confusão musical enfeitando de sons a vida vertiginosa.

Milhares de automoveis disputam corridas ageis nas ruas amplas.

E os arranha-céus, os arranha-céus timidos da "cidade-mulher", guardam o esforço e a energia dos homens trabalhadores.

Mais tarde, quando a luz já vae morrendo e se acabaram todas as actividades, ha uma agitação maior, prenunciadora da calma que virá depois...

Os postes acordam na sombra.

Os longos edificios ficam vazios e a multidão escorre pelas calçadas em busca da alegria serena dos bairros distantes.

Os bairros do Rio são o poema mais bonito da cidade. Poema em que cada bairro é um verso livre...

A ternura modesta das ruinhas pobres mostra que a vida parou no meio. Penha, Ramos. Olaria. Vida de horizontes perto. Aspirações limitadas que não acompanham os trens na distancia sem fim...

No Meyer, enfeitado de verde, as meninas humildes suspiram por Botafogo. Mas em Botafogo os rapazes elegantes se esquecem das meninas humildes do Meyer...

Laranjeiras parece uma senhora do tempo do Imperio. Usa nasoculos. Chinó. Aquellas ruas silenciosas do Cosme Velho ainda vivem as horas mansas em que Pedro II passeou por lá...

O Flamengo ficou indeciso na beira do mar.

Andarahy é o homem de depois da guerra. Trabalhou. Trabalhou. Venceu. E está contente porque botou a primeira camisa de sêda...

Tijuca é a moça educada.

Santa Thereza, lá em cima, móra bem perto de Deus. Como se tivesse medo dos homens da terra...

Santa Alexandrina, amiga de Santa Thereza, se esconde tanto que ninguem sabe onde fica...

E Ipanema.

E Leblon, de areias polvilhadas de heróes morenos...

E Copacabana, que tirou das ondas a falta de modos. Copacabana só fala na gyria. Copacabana anda sem meias, sem encabulações e sem pêlos... Conhece a biographia de todas as artistas de cinema. E' desordenada como aquelle mar valente. Não vive medindo os passos, não pensa no dia de amanhã, não perturba a sua modernidade com o vicio mais feio das gentes velhas: a previdencia...

Os bairros do Rio.

Defronte do mar, em cima dos morros, longe do centro, todos elles se conhecem e se estimam. Irmãmente. Ricos e pobres. Pobres e ricos. Mais velhos. Mais moços. Com uma amizade sincera, sem inveja, uma amizade impossivel de contar...

Quando anoitece e a população corre pra felicidade domestica da sala de jantar, os bairros do Rio ficam contentes do contentamento que a vida deixou...

E' a hora do amôr.

Na cidade ainda ziguezagueiam os clarões verdes, vermelhos, azues, roxos, dos annuncios luminosos.

Mas nas ruas calmas dos bairros calmos, onde não ha annuncios luminosos quebrando a harmonia do céo, a lua é o sol que se escondeu pra não estragar a alegria dos namorados...

A hora é delles.

Risadas. Beijos. Conversas ingenuas. Corpos felizes...

E depois é o fim.

Sereno silencio nas ruas dormindo.

Os portões se fecharam.

Não ha mais rumores de beijos na noite clara...

SEM, o grande desenhista parisiense, com o nosso companheiro Basilio Vianna, no dia em que chegou ao Rio

Campeonato Carioca de Football

O Torneio Initium

VASCO DA GAMA, vencedor

BOTAFOGO, 2.º logar

OLARIA

ANDARAHY

FLAMENGO

SÃO CHRISTOVÃO

BRASIL

AMERICA

No Campo do Vasco

BOMSUCCESSO

O torneio de domingo

FLUMINENSE

CARIOCA

BANGÚ

Mangue

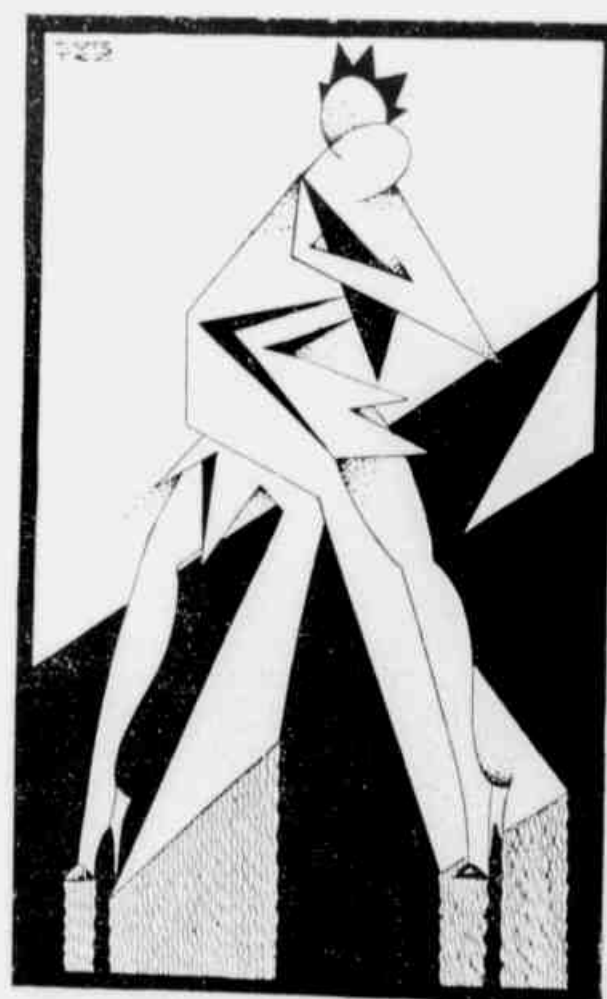
Manuel Bandeira

Mangue mais Veneza americana do que o Recife
Cargueiros atracados nas docas do Canal Grande
O Morro do Pinto morre de espanto
Passam estivadores de torso nú suando facas de ponta

Café baixo
Trapiches alfandegados
Catraias de abacaxis e de bananas
A Light fazendo cruzwaldina com residuos de coque
Ha macumbas no pixe
Eh cagira mia pai
Eh cagira
E o luar é uma coisa só
Houve tempo em que a Cidade Nova era mais suburbio do que todas as Meritis da Baixada
Patria amada idolatrada de empregadinhos de repartições publicas
Gente que vive porque é teimosa

Cartomantes da rua Carmo Neto
Cirurgiões-dentistas com raizes gregas nas taboletas avulsivas
O Senador Eusebio e o Visconde de Itauna já se olhavam com rancor
(Por isso
Entre os dois
Dom João VI plantou quatro renques de palmeiras imperiaes)
Casinhas tão terreas onde tantas vezes meu Deus fui funccionario publico casado com mulher feia e morri de tuberculose pulmonar
Muitas palmeiras se suicidaram porque não viviam num pincaro azulado
Era aqui que choramingavam os primeiros choros dos carnavaes cariocas

Sambas da tia Ciata
Cadê mais a tia Ciata
Talvez em D. Clara meu branco
Ensaiando cheganças p'ra o Natal
O menino Jesus — Quem sois tu?
O preto — Eu sou aquelle preto principá do centro do cafange do fundo do rebolô. Quem sois tu?
O menino Jesus — Eu sou o fio da Virgem Maria.
O Preto — Entonces como é fio dessa senhora, obedeço.
O menino Jesus — Entonces cuma você obedece, reze aqui um terceto presse exerço vê.
O Mangue era simplesinho
Mas as inundações dos solsticios de verão
Trouxeram para Mata-Porcos todas as niaras da Serra da Carioca
Viaras do Trapicheiro
Do Maracanã
Do rio Joanna
E vieram tambem sereias de alémmar jogadas pela ressaca nos aterrados da Gamboa
Hoje ha transatlanticos atracados nas docas do Canal Grande
O Senador e o Visconde arranjaram capangas
Hoje se fala numa porção de ruas em que dantes ninguem acreditava
E ha partidas para o Mangue com choros de cavaquinho pandeiro reco-reco
E's mulher
E's mulher e nada mais

Offerta
Mangue mais Veneza americana do que o Recife
Meriti meretriz
Mangue emfim verdadeiramente Cidade Nova
Com transatlanticos atracados nas docas do Canal Grande
Linda como Juiz de Fóra.

MAXIXE

Desenho de Cortez

O PAE BONOTO

JULES REBOUL

O TELEGRAMMA

— O seu telegramma veio por estes fios, pae Bonoto, por estes fios.

Era um collegial quem falava assim, um rapazola de quinze annos mais ou menos.

O pae Bonoto, um camponez de sessenta e poucos annos, ouvia, meneando incredulamente a cabeça, apoiado ao cabo da foice, pois ia ceifar a luzerna, quando se deteve para perguntar ao filho do proprietario, como podia ser que a sua filha, tendo tido uma criança em Paris, naquella manhã mesma, a participação acabava de chegar de Paris algumas horas depois; desse Paris tão distante, tão distante que ouvira uns antigos soldados dizerem que eram precisos trinta dias de marcha para chegar lá.

Depois de ter explicado as suas duvidas, elle olhou os fios que margeavam o campo, aquelles fios que elle via todos os dias, desde que os puzeram lá, isso ha uns vinte annos.

Nunca soubera bem porque os haviam posto lá... Tinha o habito de olhal-os com curiosidade, com uma especie de temor, como uma coisa mysteriosa e longinqua como uma estrella.

A unica coisa que os approximava delle era saber que tinham sido collocados por homens.

Quando os collocaram elle disséra:

— Que é que elles querem fazer ainda?

"Elles", era esse mundo mysterioso que governava o mestre-escola, os soldados, o preceptor, e que se achava em questiuncula com o vigario, pois o vigario representava a força que governa as nuvens, as chuvas, as molestias, o sol.

Haviam-lhe dito que aquelles fios continham electricidade; mas não comprehendera bem o que isso queria dizer, e tomara o habito de consideral-os como qualquer coisa distante que não intervinha na sua vida.

Mas eis que elles tinham intervido, si é que aquelle garoto dizia a verdade, e aquelle garoto era intelligente e frequentava uma dessas escolas cujos alumnos usam um uniforme como os officiaes, e onde se tornam sabios.

Então o pae Bonoto abandonou a foice, deu alguns passos ao longo dos fios, mostrou um ponto no horibonte:

— E' lá, Paris?

— Sim, é lá, disse o rapaz.

O pae Bonoto examinou attentamente os fios e depois disse:

— E' verdade, de Paris aqui, é em descida.

Pae Bonoto procurava sempre falar ao rapaz numa linguagem cuidada, para mostrar o seu saber, mas nos momentos de emoção empregava, sem sentir, o dialecto da terra. E era assim que elle estava falando.

O rapaz deu uma gargalhada; mas pae Bonoto olhou-o severamente e disse:

— Aprenda, menino, para que a electricidade corra de Paris até aqui, é preciso haver declive.

E accrescentou, meneando a cabeça:

— No fim de cada fio, com certeza, tem uma torneira. Quando eu fôr á estação, pedirei á senhorita, que é muito gentil, para me mostrar a torneira pela qual saiu o meu telegramma.

— Mas não ha nenhuma torneira, pae Bonoto, e esses fios não são ôcos, explicou, rindo, o rapaz.

Foi a vez de pae Bonoto rir. Depois deu de hombros e disse:

— Grande louco.

Elle conhecia bem esses rapazolas. Aprendiam a ler, a escrever, a calcular; mas coisas razoaveis, qual o que! não tinham nenhum senso.

O pae Bonoto era muito esperto para não comprehender o motivo daquella falta de senso.

No fundo, não era necessario ir tanto tempo á escola para ser um sabio. Que aprendiam? A ler, a escrever, a calcular; a fazer uma carta e a tirar uma conta. Era tudo. Uma vez aprendidas essas coisas, os discipulos sabiam tanto quanto os professores. Então os discipulos podiam tomar o logar dos professores e os professores não queriam. E se defendiam, abusando da innocencia das crianças para fazel-as crer em coisas impossiveis, e que aquelles ingenuos meninos enguliam como leite.

E o pae Bonoto, cheio de piedade desdenhosa, de novo, deu de hombros e disse ao rapaz:

— Grande louco!

Olhou outra vez para os fios, aquelles fios tão finos, nos quaes corria a electricidade rapida que vinha de Paris, e, penetrado de admiração pela sciencia moderna, ergueu os olhos para o céo, e exclamou:

— Mas, como o buraco deve ser pequeno!

A PHYSICA

O rapaz deu uma gargalhada feliz, dizendo:

— Você sabe mais do que o meu professor de physica, pae Bonoto.

Pae Bonoto olhou para o collegial, olhou para os fios telegraphicos, e disse:

— Isso, são coisas de physica. Tu estudas physica?

— Sim.

Pae Bonoto abanou a cabeça desdenhosamente e disse:

— Não pareces capaz.

— Sou o primeiro da classe, em physica, o mais forte, affirmou, orgulhoso, o collegial.

Pae Bonoto observou-o curiosamente, com um ar ao mesmo tempo desconfiado e admirado, e resmungou:

— E' bem possivel, essas coisas não se vêem todos os dias.

Meditou, depois tirou o chapéo, um verdadeiro chapéo de salteador calabrez. Era um chapéo que fôra preto, nos seus bons tempos; estava preto sujo; as chuvas tinham fixado sobre elle a poeira, dando-lhe uma crôsta. Tomára a fórma de um funil.

Pae Bonoto approximou-se do rapaz e poz o chapéo no chão, com a abertura da cabeça para o céo.

Em seguida recuou uma dezena de passos, e disse:

— Bem, estou longe. Agora, menino, vaes prestar-me um serviço. Fazer sahir do chapéo uma coelha, prestes a dar cria.

— Fazer sahir do seu chapéo uma coelha prestes a dar cria! — exclamou o rapaz, olhando pae Bonoto como si olhasse um louco.

Pae Bonoto resmungou:

— Bem que eu imaginava; bem que eu sabia que não eras capaz de fazer coisas de physica; si soubesses fazer, via-se logo, via-se logo; e serias mais esperto do que és.

E explicou ao rapaz:

— Eu sei o que é physica. Já vi nas feiras. Os typos que trabalham na physica, tomam um chapéo vasio e fazem sahir delle tudo que querem: lenços, chales, relogios, carteiras, coelhos. Então, si tu soubesses "fazer physica", poderias prestar-me um serviço: a minha mulher está aborrecida por ter morrido hontem a nossa coelha prestes a dar cria.

— Mas, pae Bonoto, isso não é physica.

— Que é a physica, então?

— A physica, disse o rapaz, é a sciencia dos phenomenos. A physica, ensina o que é o relampago, o trovão, as nuvens, a chuva, etc.

— Ah! louco ensinam-te coisas que os que te ensinam não sabem mais do que tu. Para que te serve tudo isso? Ao passo que si tu soubesses fazer sair uma coelha do meu chapéo, isso te seria util.

— Mas isso não é physica, pae Bonoto.

O velho olhou o rapaz, dominando-o com toda a sua convicção, depois, sacudido por uma formidavel gargalhada, esmagou-o com um desdenhoso:

— Grande idiota!

O PREÇO DO OURO

O pae Bonoto comprehendeu o seu dever de proteger o menino, de pôl-o em guarda contra os maldosos que abusavam da ingenuidade da criança, e de dar-lhe conselhos indispensaveis para orientar-lhe os estudos.

Approximou-se delle e disse:

— Escuta, menino, tu tens livros de physica?

— Sim, pae Bonoto.

O pae Bonoto olhou o menino com certo respeito, como olharia alguem a quem estivesse confiada a guarda de um deposito de explosivos; depois, em voz baixa, disse:

— Menino, já que te dão livros de physica, é preciso que aprendas a fazer ouro.

— Mas não se aprende a fazer ouro, com o estudo da physica, pae Bonoto.

O velho meneou a cabeça, dizendo:

— Não é habito as crianças darem lição aos velhos. Sei o que digo.

— E eu lhe digo que na escola não se aprende a fazer ouro.

— Imbecil! de certo que não te ensinam; mas deves aprender por ti mesmo.

— Como?

— No teu livro de physica.

— Mas no livro não tem nada a esse respeito, pae Bonoto.

— Ora vejam! Para que escreveriam livros si não fosse para pôr isso? Apenas está escondido no livro, porque é preciso que nem todos aprendam. Sei que a bolsa da minha mulher está no armario; e, si lhe acontecer alguma desgraça eu a procurarei. Está escondida na roupa, num fundo de gaveta, num buraco, sei lá. Um ladrão não a encontrará: mas eu, eu a encontrarei, tenho certeza. Um livro é a mesma coisa. Ha duas especies de livros: os que contam tolices para as mulheres e os imbecis, e os que falam de coisas sérias para os homens. Nestes está oculta, entre as linhas, como uma bolsa num monte de roupas, a maneira de se fazer o ouro.

— Mas, não é verdade, exclamou o rapaz, e a prova é que os professores não sabem fazer ouro. Eu sei que elles não são ricos...

O pae Bonoto riu, contente, ouvindo essa immensa simplicidade.

— Elles tambem, meu caro, disse elle, amavelmente, sabem ler as linhas; mas não sabem ler entre as linhas; não sabem folhear os livros.

— Mas os professores são sabios, pae Bonoto.

Mas pae Bonoto não acreditava nesse saber; não comprehendia uma sciencia que não fazia o que lhe diziam, o que lhe encommendavam. Não tinha confiança nelles para a verdadeira sciencia, a que desvenda os mysterios e dá a força dominadora.

Affirmou:

— Não sabes que os que lêm entre as linhas, o governo lhes paga. O governo tem medo delles. Sabem que se podem tornar mais ricos e mais fortes do que elle. Quando póde manda-os prender. Eu conhecia um feiticeiro: metteram-n'o na prisão.

O pae Bonoto reflectiu um momento, depois, com uma certeza magnifica, disse:

— Tenho certeza de que, com um livro, eu aprenderia a fazer ouro.

O rapaz ficou fulminado com tanta convicção.

Vira sempre o pae Bonoto como um homem humilde, esmagado pelo sentimento da sua ignorancia, e eis que, de repente, esse homem tão timido e tão modesto tomava uma attitude differente diante dos assumptos mais importantes, revelava uma fé invencivel na sua intelligencia profunda.

Por muito ridicula que fosse a fé, não era menos surprehendente.

— Ah! — disse o velho — faltou pouco para que eu me tornasse rico.

E poz-se a contar:

— Um dia, eu estava na feira de Annonay; passeiando, encontrei a barraca de um velho que vendia livros. Approximei-me. Vi que havia desses livros que se escrevem para as mulheres e os imbecis, e, naturalmente, não me interessei por elles. Mas havia tambem outros livros. Vi um que tinha em letras grandes a palavra: Physica. Parei. Li a palavra "Physica" para mim, depois parti, porque havia muita gente. Rondei em torno do grupo. Deves comprehender que eu não tirava os olhos do livro que escondia o meio de se fazer ouro. Pensava: "Tomara que ninguem o compre". Não podia chegar-me para compral-o, devido á quantidade de gente; pois, logo, haviam de desconfiar do seu valor. Esperei, esperei, com medo. Mas, felizmente, o "povo" não comprehendia o que significava aquelle livro.

O rapaz fez um tregeito.

O velho camponez, curvado, dissera: "o povo" com um ar que fizera estremecer o garoto.

Esse povo, para elle, collegial, eram industriaes, juizes, professores, funccionarios, pessoas que tinham uma certa cultura ou então commerciantes classificados pelas relações, operarios ricos de conhecimentos especiaes.

E o camponez apagado e embaraçado só via nelles intelligencias insignificantes, emquanto que elle, vivendo a sua vida entre a terra e o céo, se achava quasi dono de uma intelligencia suprema.

— Quando o "povo" se afastou eu me approximei, peguei no livro, e o abri.

O velho pobretão que vendia livros me perguntou:

— O senhor sabe ler?

Respondi que sim. O imbecil me tomava por um ignorante. Eu não queria falar com elle, comprehendes; si elle fosse um homem esperto não venderia o livro: se serviria delle para ficar rico. Abri o livro com um ar despreoccupado. Era todo de paginas impressas e tinha gravuras. Vi logo que era como o armario de minha mulher onde a bolsa está escondida em montões de roupa ou numa fenda do fundo. Lá tambem nas linhas ou nas figuras estava o meio de fazer ouro, o segredo. Procurei descobril-o, mas não havia tempo sufficiente. Comprehendi que era preciso ler todo o livro, decifral-o, folheal-o em todos os sentidos. Quiz compral-o. Disse ao velho:

— Quanto custa este livro?

Elle me respondeu:

— Tres francos e cincoenta.

Offereci-lhe trinta "sous". Então, elle me disse desaforos, chamou-me de velho pateta, ignorante, mesquinho, imbecil, maluco, sei lá! Não respondi, não podia responder a um homem como aquelle. Puz-me a ler o livro, pois eu não queria dar tres francos e cincoenta por uma coisa que só valia trinta "sous".

O garoto espantou-se:

— Mas, pae Bonoto, então o senhor não tinha certeza de aprender a fazer ouro, pois não queria dar tres francos e cincoenta pelo livro; si o senhor pudesse fazer ouro, depressa ganhava muitas vezes o preço.

O velho ergueu a cabeça e disse:

— Tinha certeza que aprenderia.

O rapaz olhou sem comprehender. Estava diante de um mysterio que só esclareceria mais tarde, depois de muito viver e muito reflectir.

O homem é rodeado de paraisos imaginarios: o amor, a embriaguez, a fortuna, o céo.

Mas esses prazeres eram taxados para o pae Bonoto. Elle passaria sem a embriaguez do vinho, do fumo, sem o céo mesmo, si o vinho, o fumo, ou as missas ultrapassassem o preço normal.

Elle não era nem santo nem artista nem devasso, era homem. A sua vida tinha um quadro do qual elle não saia. Obedecia ás leis mysteriosas; mas, mesmo assim, lamentava muita coisa.

— Ah! si aquelle patife me tivesse deixado o livro por trinta "sous", hoje eu seria proprietario de toda a aldeia; teria um relogio de ouro e uma corrente de ouro, e um auto para visitar as minhas propriedades.

E accrescentou:

— E aquelle imbecil não sabe o que perdeu. Pois si me tivesse vendido o livro pelos trinta "sous", eu o teria enriquecido tambem por gratidão.

Riu, depois foi ceifar.

O collegial ficou olhando-o e pensando que não conhecia pae Bonoto, e que, entretanto, via-o todos os dias.

A TERRA

Pae Bonoto, chegando ao fim do campo, voltou, num passo pesado, foice ao hombro. Approximou-se do rapaz e disse:

— Que é então que aprendes na escola?

Essa franqueza de pae Bonoto irritou o collegial, que respondeu em tom aggressivo:

— Muitas coisas que o senhor nem imagina.

Um riso ironico illuminou a pelle crestada do velho.

— Por exemplo: o senhor não sabe que a terra é redonda como uma bola, exclamou o rapaz, cada vez mais indignado.

O velho deu uma gargalhada, não podia conceber tamanha tolice, e disse com um ar finorio:

— Tu podes caminhar em cima de uma bola?

— Eu não, respondeu o rapaz, mas uma formiga póde; e nós podemos, nós, o senhor, eu e todo o mundo, caminhar sobre a terra, porque a terra é uma immensa bola sobre a qual não somos mais do que pequenas formigas.

Essa phrase impressionou o velho.

Sentiu que o raciocinio do rapaz era defensavel, embora continuasse persuadido de que elle dizia uma asneira.

Procurou demonstrar:

— Ha gente em toda a parte sobre a terra, já ouvi dizer; e, si ella fosse redonda, os que estivessem do outro lado estariam de cabeça para baixo.

— Não ha baixo nem alto, disse o rapaz.

A gargalhada do velho foi mais forte ainda. Disse tranquillamente:

— Eu sei que si quizer virar a minha garrafa de vinho, o vinho entornará, e que ha em cima e em baixo.

— E' por causa da força centripeta, exclamou o rapaz.

Mas o velho meneou a cabeça e disse com um ar muito positivo:

— As tripas não têm nada que ver com isso. E' preciso dar-te um pouco de miolo, meu amigo: a terra é mais ou menos chata, com buracos e saliencias. Pódes ver tão bem quanto eu... Não deixes que te contem absurdos.

O collegial ficou irritado. Era um pouco pedante, dessa pedanteria que irrita quando é o modelo em que se petrifica um espirito, e que diverte quando é um dos multiplos aspectos do enthusiasmo.

E o rapaz era cheio de vida. Gritou para o velho teimoso:

— Sim, sim! E' redonda como uma bola; e roda, roda. O senhor creia ou não creia, ella roda!

Aquelle menino era alguem, falavam na aldeia que a sua intelligencia honrava a familia. Tambem o pae Bonato não ia negar sem saber, o que elle affirmava. Procuraria antes controlal-o.

Poz as duas mãos ao lado dos olhos e olhou para longe, a algumas centenas de metros, onde um ulmeiro elevava o seu desgosto solitario.

O velho olhou, olhou, e o rapaz ficou esperando.

Por fim, pae Bonoto afastou as mãos e, com ar grave, disse ao collegial:

— A terra não roda, meu amigo, não vejo o ulmeiro rodar.

Não ria mais, discutia. Era uma força diante de outra força.

(Conclue no fim do numero)

"POBRES"
Desenho
de Di Cavalcanti

PELO ULTIMO AVIÃO

Perturbações na India: as tropas britannicas barrando as ruas de Bombayn. — O ultimo retrato de Aristide Briand. — Hindenburg, Brüning e Hitler, antes do segundo escrutinio das eleições allemãs. — O ministro francez Maginot, que acaba de morrer. — Hugenberg, que tambem não queria a reeleição de Hindenburg.

Moças norte-americanas fazendo serviço militar, emquanto as feministas francezas protestam contra a decisão do Senado que lhes negou o direito de votar. — Soccorros aos civis intoxicados pelos gazes durante as manobras aero-chimicas em Metz. — A advogada Marie Vérone. — O arcebispo de Paris, Cardeal Verdier.

O castello de Lausanna onde se reuniram os primeiros ministros europeus. — Walter Layton, redactor do "Economist".

Sem trabalho allemães. — Mr. J. M. Keyres, grande jornalista inglez. —O porto de Londres que a crise transformou em deserto.

Entre os livros

C A R T A Z

Graça Aranha era a figura mais alta da litteratura brasileira. A sua intelligencia impar e a magia do seu espirito creador faziam delle a grande paysagem intellectual do Brasil. Elle não era um detalhe, — era o todo. Não era uma perspectiva isolada — era a paysagem integral, extensa, completa. Paysagem que tinha a côr da nossa terra, a musica do nosso vento, a distancia azul do nosso céo. Paysagem onde o Brasil inteiro apparecia, impetuoso, vibrante, vivo, tocado do seu genio magnifico.

Graça Aranha, philosopho da alegria e da acção, não amava o fôfo commodismo dos indolentes. Elle era todo movimento e dynamismo. Onde estivesse a inercia não estava Graça Aranha, que a inercia doía nelle.

Quando foi preciso sacudir e renovar a litteratura brasileira, destruindo as vózes que nada mais representavam, foi a sua vóz firme a vóz de commando que desacreditou o passado mentiroso e deu ao Brasil as novas gerações.

* *

Depois de morto Graça Aranha, os seus amigos e o coração de Dona Nazareth Prado têm se entregue ao trabalho de manter bem viva a lembrança do mestre. Já lemos o *Meu proprio romance*, autobiographia inacabada. E agora apparecerá a 2.ª edição do *Espirito Moderno*, o livro luminoso em que elle encerrou as palavras que realisaram o seu sonho de creador de fórmas novas. Depois serão lançadas outras edições de toda a sua obra. E haverá, ainda este anno, a publicação de um volume inedito e sensacional repleto de nótas, impressões, viagens, as ultimas paginas que Graça Aranha escreveu.

E' a vida continuando depois do fim. Milagre da cultura e da intelligencia que assegurou a Graça Aranha, mesmo depois de morto, a nossa admiração e o nosso enthusiasmo.

D. C.

N O T I C I A S

O sr. Annibal Machado terminou, afinal, *João Ternura*, romance esperadissimo.

* *

"Schmidt Editor" lançará breve mais um livro de ruidoso successo: *Cahetés*, romance de Graciliano Ramos.

Esplendor, o livro de poemas de Paschoal Carlos Magno ,apparecerá brevemente em 2.ª edição.

——

A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL — *Alexandra Kolontai* — "Editorial Pax", de S. Paulo.

Na nossa organização social, como bem accentuou o sr. Galeão Coutinho, no prefacio que fez pra este livro, ainda é quasi completamente desconhecida a "nova mulher" creada na actividade, no trabalho, livre de qualquer dependencia, que a sra. Kolontai vem revelar.

A familia brasileira está muito apegada a tradições e dogmas, e a mulher brasileira, movendo-se em ambiente estreito e limitado por toda a sorte de preconceitos, ainda não se integrou na realidade que outras já venceram. O seu "eu" não se affirma, e só muito ultimamente é que a ella têm sido concedidas diminutas liberdades que ainda não lhe imprimem direcção segura e firmeza.

Alexandra Kolontai estuda "a nova mulher e a moral sexual" com muita habilidade, comparando as heroinas litterarias de varias épocas, vindo de Maupassant á litteratura proletaria de "avant-garde", para dahi tirar conclusões favoraveis ao seu ponto de vista que é bem defendido e exposto.

BASTOS PORTELLA
que acaba de publicar
"Uma garçonne carioca"

Um ensaio sobre o amôr na ideologia vermelha torna ainda mais curioso este livro de palpitante interesse.

A. Kolontai, uma das figuras femininas mais em evidencia na Europa, assim explica a "nova mulher": "Esta é a mulher moderna: a auto-disciplina em vez de um sentimentalismo exagerado; o apreço á liberdade e á independencia, em vez da submissão e da falta de personalidade; a affirmação de sua personalidade e não os esforços estupidos para transformar-se em sombra do homem amado". Essa é a "mulher-individualidade", que até agora não nos foi possivel vêr.

Dante Costa

BORBOLETAS, de *Waldemir Cardoso* — Cabo Frio.

Não havia necessidade nenhuma do autor publicar este livro. Elle vae deixar de máo humor todos os que, como o redactor desta secção, procuram fazer um registro amigo dos livros novos...

Parece que o vento salino de Cabo Frio fez mal ás borboletas do sr. Waldemir Cardoso; ellas chegaram aqui bem pouco seductoras...

Querendo ser moderno, o autor ainda gasta coisas assim: "o sarcofago vivo da esperança morta", o "luar de poesia de teus olhos", e outras aventuras...

Comtudo, o sr. Waldemir já é poeta de livro publicado, e isto é o que vale, não é?

D. C.

UMA GARÇONNE CARIOCA — *Bastos Portella* — Rio.

O autor, que é o poeta do *Suave enlevo*, tres edições esgotadas, faz a sua estréa no romance e apparece-nos differentissimo.

Não é mais o delicado cantor das "meia-luzes", das "bonecas de olhos côr de bronze", que, com os seus versos ia vivendo em bôa paz com as meninas romanticas e não romanticas...

Agora elle focaliza a sociedade carioca, utilisando os recursos que o romance e a prosa emprestam aos bons observadores. E desse meio elle tira a "garçonne", dona Lucinha, moradora no Engenho de Dentro, de "fugitivo sorriso, indefinivel como o da Gioconda", e cujos braços "tombavam como duas asas partidas"...

Essas imagens e outras que ha no livro estão mostrando que o poeta ainda não cedeu de todo o lugar ao romancista. E de vez em quando comparece. Mas o romancista se affirma até acabar o volume, e vae dissecando a alma da "garçonne" com grande afinco.

Dizem que o livro é immoral. Isso quer dizer que as edições vão se esgottar rapidamente. E se assim fôr o sr. Bastos Portella terá a recompensa que o seu trabalho merece, e será um escriptor de larga repercussão.

D. C.

MEU AMIGO SHEFFER

JACINTHO MIQUILARENA

FUI a New York visitar o meu amigo de collegio João Sheffer. João Sheffer nasceu em Bilbáo de pae suisso e mãe basca. Hoje é americano naturalisado.

No collegio *O Anjo da Guarda* de Bidebarrieta, Sheffer era *O Suisso* e gosava do prestigio que, queira-se ou não, têm todos os *europeus* na Hespanha. Mais tarde, no collegio de Zurich, era *O Hespanhol*; causava entre os companheiros uma profunda admiração quando toureava o vento no jardim, e mais ainda quando recebia carta de casa e dizia que era de sua amiga Lolita.

— Que é que a Lolita manda dizer?

— Que vive muito enciumada...

Era o estrangeiro em Bilbáo, o estrangeiro em Zurich. Agora é um americano integral.

Sheffer se dedica á escolha de fitas para algumas casas hespanholas. Tem o escriptorio num *building* do Times Square e um apartamento em Riverside. Times Square é o melhor ponto para negocios; Riverside, sobre o Hudson, o melhor para viver. Elle se agita entre os dois pontos com uma facilidade desconcertante, movendo-se na multidão como se tivesse nascido no remoinho.

As suas camisas são perfeitamente americanas; as calças, na altura em que começam as das odaliscas, absolutamente americanas; o inglez, correctamente americano.

O casaco, tambem para elle, é uma coisa que se dependura num cabide do escriptorio e que se carrega no braço, como um sobretudo, quando se anda pela rua ou se sobe no elevador, nesses dias de forno.

Provavelmente, desde que vive em New York, só perdeu duas horas; e essas duas horas perdeu-as na minha companhia num restaurant allemão — onde se serve a melhor imitação de cerveja — recordando coisas passadas.

E' casado e tem um filho. O filho pesava ao nascer uma coisa tremenda. Não me lembro do numero de kilos, mas sei que era um numero imponente.

Room 706 em Broadway 1482. Um edificio com escriptorio em frente ao *Times*, cujas janellas de guilhotina mostram os innumeros braços nús dos empregados sem casacos e de viseira verde.

Contemplo o movimento do Times Square lá do alto. A multidão parece o mar numa enseada.

E' pequeno o escriptorio de Sheffer, mas tem uma porta de crystal gravado (Room 706 — João Sheffer), mesas, duas cadeiras de couro, machinas de escrever, telephone e o apparelho que avisa á Companhia do Cabo que ha um despacho transatlantico urgente. Nas paredes, photographias de *bellezas* e *beauties* de Hollywood, com *sincerely* e firma.

E' um pequeno *building* de quatorze andares.

-- Quantos escriptorios como este tem a casa?

-- Uns duzentos.

— E como é que este é numero 706?

— A numeração começa em cem. Cada andar corresponde a uma centena. Os cem no primeiro andar, os duzentos no segundo; o 706 no setimo.

— Muito simples.

— E'. O ovo de Colombo.

Cada andar tem um tubo conductor de cartas que se communica com um grosso tubo central; como um cano de aguas. Todas as cartas vão ter a um deposito, de onde são recolhidas e entregues ao correio. Ovo de Colombo.

Um sello unico. Um sello unico para os Estados Unidos, para o estrangeiro, para o Polo Norte. Eliminadas assim as complicadas contabilidades de emissão, de venda e de pesagem. Supprimidas as tarifas. Todo o mundo póde collocar uma carta na caixa, nos Estados Unidos. Nos outros paizes é imprescindivel saber um pouco menos do que os empregados do correio e um pouco mais do que um cathedratico de geographia. Ovo de Colombo.

— Aqui, disse-me Sheffer, tudo é ovo de Colombo. O progresso dos Estados Unidos é oviparo.

Dia continuo de oito horas: das nove da manhã ás cinco da tarde. Meia hora para o *lunch* rapido: ovos cozidos (os unicos ovos que não são de Colombo); carne, dôce, chá, ou café com leite, no *Child* mais proximo, ou nos *automaticos*, ou nos restaurantes de *sirva-se*, organisados para que sejamos os proprios garçons.

E' o dia intenso, apressado, que permitte tambem um descanço continuo. O dia em tres partes perfeitamente separadas: oito horas de somno, oito de trabalho e oito misturadas: amor, instrucção, sport, leitura, cultivo de jardim, theatro ou Coney Island.

Prohibido o ocio nas oito de trabalho; prohibido o trabalho nas oito de ocio; prohibido namorar uma dactylographa no escriptorio.

Sheffer contou-me o que aconteceu a mister Mc Carty, da casa Thompson, Mc Carty and Brown, Wal Street 15.

Mister Mc Carty estava um sabbado sósinho no escriptorio. Quero dizer que não estavam lá nem mister Thompson nem mister Brown. Muito contente mister Carty e muito contentes os seus empregados; especialmente uma rapariga loura que tocava partituras de *Dear Sir* e de *Yours Faithfully* num pequeno piano Underwood; e especialmente um joven que escrevia perto della com os antebraços nús. Imaginem que era sabbado, a temperatura estava deliciosa e faltavam apenas alguns minutos para o meio dia. A pequena pianista olhava o relogio-pulseira sem interromper o concerto; e o dos antebraços nús contemplava embevecido, de vez em quando, o lapis que a pequena pianista tinha enfiado nos cabellos, como um grampo de geisha. Mister Mc Carty escovava as calças com uma escova immensa. Chega um telegramma urgente. Mister Mc Carty rasga o enveloppe e lê. Desapparecera o seu representante de Nova Orleans. Mas um representante não desapparece nunca só, porque assim não seria desapparecer. Desappareceram t a m b e m 75.000 dollares. Mister Mc Carty deixa o telegramma em cima da mesa e fecha a mesma com a cortina ondulada de aço. Doze em ponto.

— Que desgosto vamos ter na segunda-feira proxima! — exclama.

E passa pela ultima vez a escova immensa na manga.

Emquanto João Sheffer assigna cartas e fala por telephone — esse telephone de mão por meio do qual os homens de negocio fazem as suas combinações da propria e confortave cadeira rotativa — leio um artigo de John Toomer que me indicára *O Suisso*:

"No mundo americano dos negocios as pessoas sentem uma tendencia a se converterem em *hard boiled* — difficeis de cozinhar ou de pellar — isto é, tornam-se realistas, duros, sem emoções. Sentem certo orgulho com isso. Debaixo da dureza exterior encontra-se geralmente uma dessas duas coisas: cynismo ou sentimentalidade.

Alguns americanos do typo duro são assim integralmente. Cynico para elles mesmos como para a vida. Não crêm em nada, não têm fé em nada que não seja o Dollar. Só sentem a sensação da potencia e do prazer que produz o acto de ganhar dinheiro e gastal-o. A litteratura nos offerece poucos exemplos desse typo. *Babbit* de Sinclair Lewis é authentico. Mas, no fundo, Babbit é sentimental e póde encontrar-se nelle toda a fé que se queira. Além disso, Babbit é um personagem pequeno e alguns dos homens de negocio são grandes personagens.

Outros americanos do typo duro são romanticos por dentro. De dia, por necessidade, se mostram realistas. De noite, gostam do sentimentalismo assucarado do cinema, do radio, das novellas de agua de rosa, das canções populares, das reuniões onde se fraternizam. No domingo não resistem muito ás lagrimas por occasião do sermão. Os homens de negocios desse genero são numerosos. De novo nos approximamos de Babbit.

A psychologia do homem de negocios americano é a de compra-venda com lucro, ajudada por uma boa technica commercial, pela propaganda e pela publicidade. O grande vicio americano é a publicidade.

Si abordarmos algum homem de negocios americano, esse imagina logo que queremos vender-lhe qualquer coisa, que desejamos

enganal-o provavelmente, envolvel-o em máos negocios.

Si o trabalho de approximação se relaciona com as idéas, pensa que tratamos de *vender-lhe* as nossas idéas. Então se mostra desconfiado, se põe á espreita, com medo de que, com a utilisação de um methodo apropriado, o obriguemos a *comprar* opiniões sem lucro, e talvez suspeitas. Em todo caso, exige que as idéas sejam de marca bem apoiada pela publicidade por uma firma importante que se associe ao negocio. Em summa, toda combinação com elle é difficil quando não impossivel."

— John Toomer é americano?

— Americano.

Provavelmente John Toomer exagera.

Em baixo do edificio em que João Sheffer tem o seu escriptorio existe uma cidade subterranea: lojas, postos de venda de jornaes, engraxates, basculas automaticas e as entradas para o *sub-way* do Times Square, com uma multidão imponente.

Naquellas catacumbas de azulejo branco, um bazar. O primeiro bazar que eu vi nos Estados Unidos. O descobrimento das lojas americanas. Póde-se comparal-as a um estabelecimento de chimico yankee: guarda-chuvas, bonecas, bolas, globos, ligas, botões, conservas, gorros de marinheiro de guerra, toldos, trajes de *cow-boy* para crianças, guitarras, meias para senhoras, gravatas, pacotes de chá, cigarros, etc.

E tudo que existe em *ice-creams*. E' o paraiso dos melados, das *cocas* e das *kolas*, das bebidas efervescentes e sem alcool, dos extractos de fructas. Uns homens com roupas de trabalho, outros impeccaveis, misturam cremes, combinam côres pallidas, batem extractos, enchem vasos, servem, servem, servem... E cobram.

Tambem se póde comprar pilulas e azeite de castor.

Nas lojas americanas.

No *sub-way* — o caminho subterraneo de New York — não é possivel a delicadeza. Si a pessoa se afastar para dar passagem a uma senhora, um velho, ou uma criança, ficará para sempre parada. Chega o trem e é preciso assaltal-o de qualquer maneira. E' preciso lutar. Toda a vida americana é esportiva. Inuteis os nossos velhos tratados de urbanidade e aquelles *thesouros da juventude* que os nossos mestres nos fizeram lêr.

O *Juanito*, o Juanito educado por seu bom pae, com a sua pequena mamadeira e seu traje de marinheiro, appareceria num carro da limpeza municipal si fosse a New York. Tem que se entrar nos trens como um ariete. Tem que se fechar os olhos e arrastar para a frente seja o que fôr: um banqueiro, um ferido, uma vendedora de *chicle*.

E' preciso entrar!...

Assim é preciso a gente se resignar a conservar a vertical durante o trajecto. Eu, entretanto, não consegui sentar-me no *sub-way*. Supponho que isso deve ser difficil e que necessita uma força athletica extraordinaria. Todos os exemplares humanos que vi sentados no *sub-way* offereciam uma força de gesto e uma abundancia de elementos musculares de primeira ordem. Os demais têm que se resignar em viajar agarrados a uma argolla de couro, na posição de um orangotango que se balança num galho. Têm que se resignar com a visinhança de uma negra gorda, de vestido floreado, que quasi lhes toca com a axila no rosto... Têm que admittir — ou o match, do contrario — o infortunio de ficar debaixo do raio de acção de um *New York Herald* despregado por outro vertical.

Riverside sobre o Hudson, tem uma fila de parques na frente. Um pedaço de Londres verde, recortado e rico. Vivem em Riverside os que podem gosar dos pequenos horizontes de cimento e janellas de guilhotina. Alli ha uma perspectiva de jardins municipaes, o tumulo pretencioso de Grant e um amplo rio de fundo de estanho.

Faz falta em New York muito dinheiro para viver diante de tanto espaço improductivo.

Sheffer móra numa casa de appartamentos. Ao se entrar no delle tem-se a impressão de se entrar numa casa de campo. Cada appartamento tem dois andares, ganha em altura o que perde em extensão. Assim do *hall* póde-se attingir, por meio de uma escada, o andar superior. Vive-se nos dois planos, com actividades de uma escada interna, com emoções de proprietario, um ambiente completamente differente dos appartamentos communs.

Que importa que cem visinhos mais, na mesma casa, se sintam igualmente livres!

Sheffer vive como um rei. Bons moveis, almofadas, telephone, radio, *nursery*, camas desmontaveis — occultando-se na parede — geladeira, pequena bibliotheca, apparelhos aspiradores de pó, uma cozinha de brinquedo...

— Parece que comes receitas pharmaceuticas.

— Aqui só falta cozinhar. Não comprehendemos porque as cozinhas hespanholas parecem campos de batalha.

Sheffer tem tambem um magnifico automovel.

O que não tem é empregados. Nem criado, nem criada. Impossivel. Necessitaria ser milionario. Procurando muito, talvez seja possivel encontrar alguma negra velha que não sinta vontade de jogar tennis, nem pretenda aprender violino no conservatorio. Mas, onde estará ella?

A senhora Sheffer não se queixa. Está tudo preparado para que o proprio auxilio seja confortavel e facil. E' preciso que o homem e a mulher se afastem por completo da escravidão. O que serve, homem ou mulher, deve ser como os demais homens e mulheres; teve ter as mesmas necessidades, as mesmas inquietudes, as mesmas diversões e até a mesma dignidade. Toda essa litteratura hypocrita de criados fieis, mixtos de cães, cae estrepitosamente nos Estados Unidos. Lá, já não se é criado por temperamento. Só se é criado quando o ser criado é negocio; do contrario, arranja-se emprego numa officina, ou de vendedor ambulante de ameixas, ou pastor de almas.

* * *

Das janellas da casa de Sheffer domino o Hudson, que se cobre de sombras. Romanticamente. Para uma gravura de 1809 só falta o Steam Boat, o vaporzinho de rodas de Roberto Fulton, com a sua bandeira de paiz novo na pôpa.

Mas não sei se ainda conservo nos ouvidos, como um caramujo do mar, o rumor de Broadway, ou se me chega como uma fumaça longinqua.

Pelo calçamento de Riverside, a toda a velocidade, envolta num ruido de campainhas, roda uma ambulancia côr de leite. Como si traçasse, sobre o fundo do crepusculo, uma linha de giz...

(Desenho de Claro)

P I N T U R A

"CIRCO"
de Marie Laurencin

Marie Laurencin é para os poetas. Derain, para os pintores. Domergue, para os outros.

"O CHALE VERMELHO"
de
I. Gabriel Domergue

"MULHER"
de
A. Derain

REPORTAGEM

No Botafogo F. C. sabbado, durante a "Festa do Calouro"

Anna Amelia presidindo a "Festa do Calouro"

No Atlantico Club, durante o baile em homenagem á imprensa.

MUSICA

A "SYMPHONIE DES PSAUMES"

DE STRAWINSKY

Depois de *Oedyms Rex* e *Noces*, cantatas profanas, Strawinsky nos offereceu uma cantata sacra, *Symphonie des Psaumes.*

O termo *Symphonie*, aqui, deve ser tomado no seu sentido etymologico mais estricto, isto é: concerto de instrumentos e vozes.

Não se trata, com effeito, de uma *Symphonie* segundo Mozart ou Beethoven, mas de uma construcção livre onde, mais uma vez, Strawinsky soube crear a fórma propria á expressão do seu genio.

Escripta para côro mixto e uma orchestra composta de cinco flautas, cinco oboés, quatro fagotes, quatro trompas, cinco trombetas, tres trombones, violoncellos e contra-baixos, harpa, dois pianos e timbales, essa obra ultrapassa muito, as esperanças que tinhamos nella. E' verdade que Strawinsky nunca nos desapontou mas, raramente, entretanto, nos offereceu mais bella surpreza.

Colloco essa *Symphonie* muito alto na longa lista de obras-primas que vão do *Oiseau de feu* ao *Capriccio.*

Uma opera-buffa póde ser *grande*, uma oratoria *muito pequena*.

O assumpto importa pouco; só conta a realisação e o facto mesmo de escrever uma cantata sagrada não implica forçadamente a idéa de obra-prima. Albert Roussel nos provou isso ha dois annos com um *Psaume* que está longe de ser a sua melhor obra.

O que me agrada acima de tudo na *Symphonie des Psaumes*, é a ausencia de grandiloquencia.

O preludio que commenta dois versiculos do Psalmo XXXVIII, nos quaes o peccador implora a misericordia divina, tem apenas algumas paginas.

A força dessa musica escripta em lettras de cartaz prolonga por muito tempo no silencio a sua serena violencia. O segundo movimento é uma dupla fuga, o terceiro um hymno de alegria e de gloria onde Strawinsky, graças a Deus, evita de nos fazer ouvir a proposito a harpa e a cythara do texto *Cantate Dominum.*

Strawinsky

A pianista paranaense Leonora Borba, com seu filhinho Italo Domieto

Ravel

E' uma obra de paz: o Céo, tal como o imaginamos, atravez de Raphael.

E' sabido que dentro de algumas semanas surgirão de todos os lados psalmos, motetes, oratorias, pois não ha exemplo de obra de Strawinsky que não faça ricochetes até o infinito, mas *elle* estará já longe numa outra estrada.

Uma força tal de renovamento confunde e maravilha.

Eu vos saúdo, Jean-Sébastien Strawinsky.

Francis Poulenc.

A *Terceira Symphonia* de Albert Roussel, ha pouco apresentada em Paris, está entre as producções mais felizes da maneira actual do seu autor, sempre inclinado a se adaptar ás fórmas novas e a se pôr em contacto com as tendencias mais recentes, sem perder com isso a personalidade innegavel do seu estylo. E' uma obra directa, resumida, bem sonante, que ficará como a reveladora da individualidade de Albert Roussel.

O *Concerto* para piano e orchestra de Maurice Ravel, que acaba de ser conhecido em primeira audição, sob a egide do autor em pessoa, encontrou em Marguerite Lang, magica do teclado, uma interprete perfeita. Essa obra de Ravel terá, sem duvida, o mais brilhante futuro. Nella o autor conserva as suas qualidades de elegancia, de clareza, a sua virtuosidade orchestral, scintillante; mas ha momentos em que vibra uma singular eloquencia, sente-se como que uma confidencia intima do coração que Ravel, até aqui, não nos mostrára, receioso de nos entregar com tamanho abandono.

Sonia Veiga

Edmundo
Lys

A's interpretes da musica typica brasileira em geral faz falta um sentido mais profundo da arte caracteristica de um povo. E assim é que ellas vulgarisam quasi sempre aquillo que menos exprime, em quantidade e qualidade, a musica nacional.

Não é a "embolada", nem a canção estylisada, nem o maxixe, tomados isoladamente, que vão dar idéa da musica brasileira. Assim, só o conjuncto de todas as expressões, no que ellas têm de melhor e mais directo, será formalmente a nossa musica. Percorrendo a lista de nossos compositores, entre Villa-Lobos, que é o mais moderno e mais forte musicista brasileiro, o mais universal tambem, até ao matuto anonymo do sertão, compositor genial muitas vezes, tambem o mais local, na sua fecunda improvisação de rythmos e melodias, podemos assignalar uma sequencia de individualidades curiosas, cada uma legitimamente situada e realisando uma obra que, com o mesmo cunho nacional, se differencia totalmente, quasi, diriamos, de cem em cem leguas de terra brasileira. Para sentir e possuir essa musica, que só de longe trae a origem commum

"*flôr amorosa de tres raças tristes*"

— como está no soneto de Bilac, não é apenas necessario saber cantar acompanhando-se ao violão. Antes, é preciso uma alma bem brasileira, uma intelligencia activa, assimiladora e creadora, além dos requisitos artisticos. E é muito difficil a alguem saber transmittir, com a mesma felicidade de expressão e sentimento, a marcha de rancho do carnaval carioca, de tão pronunciada linha melodica e de espirito tão bairrista, sabendo ao mesmo tempo evocar nos seus desenhos caprichosos e fugazes o rythmo agil do cateretê paulista, a valsa sentimental e suspirosa de nossos seresteiros, os batuques e os sambinhas, como a canção de estylo, desdobrada de themas vulgares em peças de doces e envolventes harmonias.

Dahi o prestigio conquistado por Sonia Veiga, que sente e interpreta com espontaneidade e sabor todas as nuanças de nosso repertorio typico.

Dom natural seu, a cantora de voz timbrada e dicção clarissima apprehende pela intelligencia vivaz o sentido subtil das composições e ninguem melhor do que ella revela os traços que, entre o Amazonas e o Prata, vão marcando o colorido diverso, contradictorio, na psychologia brasileira, tão intensamente fixada em nossa musica, depoimento immediato da multidão definidora e caracteristica.

Sonia Veiga não se fez cantora para crear-se uma opportunidade a mais no seu destino de mulher. Ella não necessitava disso, moça e bella, com uma intelligencia linda, uma cultura literaria e a seductora vocação musical que a tornou virtuose precoce do piano. Como num estribilho popular muito nosso —

"*Quem quer se fazer não póde,*
Quem é bom já nasce feito..."

— ella, sem saber porque, ou para que, descobriu-se cantando e interpretando, isto é, emprestando-lhe maior força, mais intensa vida subjectiva — nosso repertorio typico.

Na sua voz, na emoção precisa, na interpretação que Sonia Veiga dá á musica brasileira, não existe nenhum exagero, nenhum tom berrante que marque o *parti-pris* de uma origem, forçando a nota barbara para effeito, recurso de especialistas monotonos dentro de escassas possibilidades intellectuaes.

Em Sonia Veiga o que existe e a destaca de suas rivaes é o equilibrio de qualidades realçando valores exactos, na pureza da voz e da articulação, onde a escola não desvirtua o pittoresco da côr rudimentar e da espontaneidade selvagem. Com isso, o seu estylo, o seu "geitinho" de surprehender a inflexão ajustada, brilhante ou murmurosa, muito da musica amorosa e ingenuamente sentimental do Brasil, musica que ella sabe de côr, que ella sabe de coração... A musica que ella vive com alma, apaixonadamente... A musica que nella possue maior encanto, mais graça nativa, e saborosa, porque Sonia Veiga é um typo expressivo de brasileira bonita, bem proxima de sua raça, mas em que os traços de origem resultaram num conjuncto harmonioso de fórmas, aureoladas no brilho do longo olhar sonhador e meio triste, na envolvente doçura do sorriso, a que se junta a elegancia do gesto e das attitudes.

Apresentando Sonia Veiga aos auditorios extrangeiros só fazemos justiça á artista que quiz completar sua missão de belleza indo exalçar lá fóra a belleza da arte de sua terra.

P O E S I A

CANÇÃO DE SEVRES

Aquella fragil rosa de setim,
Ainda ha pouco, dormia debruçada,
Em seu jarrão de porphiro e marfim,
Numa attitude delicada
E meiga de quem dorme e vae sonhando...

Sonhando que suas petalas de seda
Rasgam a solidão de uma alameda,
Dentro da tarde côr de spleen...

Mas vieste e, como estavas enervada,
Não sei porque, não sei... talvez ciume,
Magoaste-a entre os teus dedos côr de vicio,
Que são dez instrumentos de supplicio...
Desfolhaste-a, depois, num gesto louco,
Sem, ao menos, notar que a rosa é um pouco
De seda que tem alma e tem perfume...

E a agonia da rosa de setim
Foi tão sentimental, tão delicada,
Que as fontes, lá no prado, soluçaram,
E até os repuxos do jardim choraram,
Dentro da tarde côr de spleen...

II

A minha alma subtil e delicada
E' uma rosa vermelha de setim,
Que dorme e vae sonhando, debruçada,
Em seu jarrão de porphiro e marfim...

E si um dia tu vieres, mansamente,
Impregnando o salão, doirado e quente,
Da harmonia gracil do teu andar,
Deixa que a pobre rosa vá sonhando...

Sonhando que suas petalas de seda,
Rasgam a solidão de uma alameda
Sob a benção serena do luar...

Não lhe toques siquer... Cuidado!...
Olha
Que a rosa velutinea se desfolha
Ao contacto febril desses teus dedos!

Vamos, deixa que a rosa vá sonhando
E vá dormindo, assim, serenamente...
Não lhe toques siquer!...
Porque teus dedos,
Que fingem ser as petalas de um lyrio,
São dez máos instrumentos de martyrio,
Feitos unicamente, simplesmente,
Para despetalar languidas rosas
Que, por desgraça, dormem descuidosas
Em seus jarrões de porphiro e marfim...

A. BRANT RIBEIRO

A VIDA, NÓS A PERDEMOS...

...**Deixal-a ir á véla que arrojaram os tufões pelo mar, na escuridade...**

Anthero de Quental.

...A Vida... não a gozamos,
a Vida... não a sentimos,
quando, sorrindo, partimos,
quando, chorando, voltamos...

Sentil-a muito, dizemos,
quando por ella passamos,
mas, muito nos enganamos,
a Vida... nós a perdemos...

....

Nós dois, na Vida seguimos,
ambos, na Vida, voltamos,
e nunca nos encontramos,
e nunca de nós fujimos...

A mesma sorte tentamos,
os mesmos rumos seguimos,
tão certos... quando partimos,
incertos quando voltamos...

Vendo-nos... nunca nos vimos,
e lado a lado passamos,
nenhuma vez nos falamos,
nenhuma vez nos sorrimos...

Desconhecidos andamos;
as mesmas rótas seguiamos,
tão perto, tão juntos iamos,
tão perto e não nos amámos!...

....

Sorrindo, quando partimos,
chorando, quando voltámos,
a Vida... não a gozámos,
a Vida... não a sentimos!...

OCTAVIO SEVERO

ALEGRIA DE VIVER

Andavam os deuses pelo mundo,
espairecendo, fruindo delicias terrenas.

A' sombra de um bosque verdejante
repousaram, sugando favos de mel.

Frutas havia pela relva macia e crespa,
goiabas, cerejas, guabijús, pitangas.

Flôres enfeitavam a relva crespa e macia,
Violetas, rosas, cravos, papoulas e magnolias.

Cicios de amôr em manhã primaveril.
Queixumes no esplendor azul de manhã celestial.

A terra era igual aos céos
pelos deuses, pela beleza, pelo encantamento.

Os deuses comiam frutas, desfolhavam rosas,
sugavam favos de mel.

Tudo era lindo!

Cantava pela manhã em fóra a alegria de viver,
na vóz dos passaros, no cicio da folhagem,
no perfume das flôres, no mugido das féras satisfeitas.

O sol, velho rei orgulhoso, acalentava
a epiderme na ternura de beijo amante.

Eram formosas as arvores .Eram lindos os passaros
que gorgeavam.
Nedio, reluzente, o armentio que pacia.

A relva tão fresca e tão macia.
tinha caricias de veludo.

Um reflexo celestial suavisava
todas as imagens.

Os deuses passeavam pelo mundo.
Havia poesia na terra.
Havia poesia nos ares.

Nos passaros, nas flôres, nas arvores
nos campos, em tudo havia poesia,
dulcissima poesia.

Como é bôa a vida!
Que bela é a alegria de viver!
A alegria de ser feliz!

ALVARO DE ALENCASTRE

EXHORTAÇÃO

Brasileiro, acorda!

As nuvens negras que pairavam sobre o teu Brasil,
passaram...
O grilhão offensivo que te impunham,
partiu-o o sangue heroico dos heróes que tombaram!

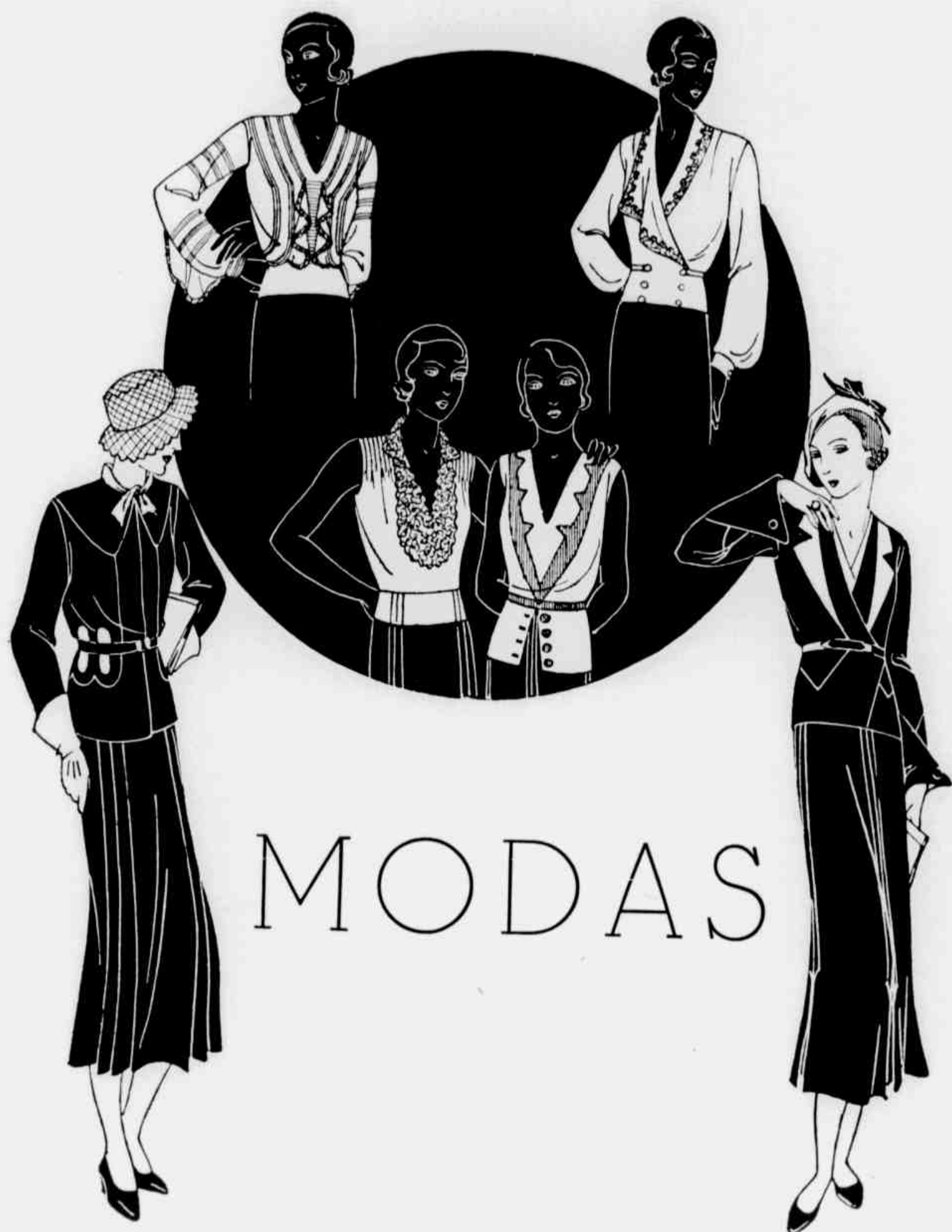
Brasileiro, acorda,
que amanheceu de novo para a nossa terra!

Deste sangue bemdito,
brotou um Brasil novo
mais bello e grandioso que o de hontem,
o Brasil que ancioso te espera!

Já sem receio,
pódes erguer mais alto os olhos,
fitar o céo azul...
as estrellas do Cruzeiro...
o matto cerrado do Norte...
as campinas infindas do Sul!

Morreu o Brasil triste e pobre,
para erguer-se outro Brasil mais fórte!

E tu, ao invéz de guardares rancor,
áquelle que hoje vive em captiveiro,
esquece-o como esqueceu elle a nossa terra,
sê o que elle nunca foi,
sê B R A S I L E I R O !

IVETTE MISSICK GUIMARAENS

MODAS

A chegada do outomno nos traz os lindos modelos de costumes, tão praticos e tão elegantes, e com elles as blusas, complemento indispensavel. Este anno, os tecidos de lã dominarão inteiramente, collocando as sedas num plano inferior. Aliás não póde haver nada mais perfeito do que as modernas *lainages*. Flexiveis, adaptam-se maravilhosamente ao corpo, não têm a menor aspereza; são verdadeiras obras de arte e os seus realizadores chegaram a esse resultado depois de experiencias e estudos longos. Todos os verdes e todos os azues, mas principalmente um azul rei muito vivo, são as côres mais em voga. Estão nesta pagina dois costumes assignados por De Flavis: o da esquerda, *Tout tourne*, é em fina lã azul rei, com pequena gola e applicações de drap branco; o da direita, *Tabou*, tambem em lã azul de tom menos vivo que o precedente, com guarnições de diagonal branco e cinto de camurça azul e branca. Tres blusas da casa Rouff: a primeira, em Georgette branco, marcada por grupos de finas pregas e duplo jabot; a segunda, em crepe da China branco, com gola irregular ornada de renda ocre e botões de crystal na aba; a terceira, em crepe da China branco, com peito formando gola em renda creme e pregas nos hombros e na aba. O ultimo modelo de blusa é de De Flavis e se chama *Tabou*, pertence ao costume da direita. E' confeccionada em diagonal branco, com incrustações e cinto em diagonal azul. Os botões brancos têm um filete azul.

Para a realisação impeccavel de qualquer modelo procurem o atelier de GARRIDOS, á rua do Passeio, 42, loja.

Coisas lídas

AL CAPONE

Al Capone vê, nesse momento, as suas declarações recebidas pelos jornaes dos Estados Unidos com a mesma importancia com que recebem as declarações de Hoover.
O *New-York Herald* publica o offerecimento que Al Capone faz dos seus serviços para a descoberta do filho de Lindberg:

"Neste cubiculo, estou sem nenhuma força. Mas si eu estivesse livre prestaria reaes serviços, graças aos innumeros amigos (sic) que tenho em todos os paizes. Elles poderiam dar-me preciosas informações e me ajudar a descobrir os culpados."

Mas ha ainda coisa melhor. Al Capone denuncia no *Liberty* o perigo vermelho.
"O Bolchevismo está nas nossas portas. Não podemos deixal-o entrar. E' preciso que nos organisemos contra elle, que nos unamos para lhe fazermos frente. E' preciso agirmos para que a America continue toda (sic) sã e salva e não seja corrompida. Devemos conservar o operario afastado da propaganda vermelha e das dissimulações vermelhas; é preciso velarmos para que o seu espirito reste são."

DE EMERSON

Uma coisa que deve ser peremptoriamente prohibida a todo ser normal e bem educado: a exhibição do seu máo humor. Si não dormiu, ou si dormiu de mais, ou si está com enxaqueca, com dôr sciatica, ou com gotta, eu lhe supplico por todos os santos anjos guardar a sua alma em paz afim de não perturbar com gemidos a serenidade do dia que toda a natureza anima de doces pensamentos. Olhe o azul. Ame a luz. E por limitada que seja a paysagem em torno, não esqueça nunca o canto do céo.

SPORTS MUNDANOS

Um jornal elegante de Paris conta, num tom enternecido, o "original campeonato de roubo":
A's 22 horas e 30, sessenta e quatro pessoas conhecidas entre as figuras mais representativas da "elegancia parisiense" sairam ao acaso pela capital com o objectivo de *roubar* o maior numero de objectos possivel. A' meia noite, hora marcada para terminar a prova, todos os mundanos estavam de volta, exhibindo diversos trophéos: lanternas de bicycletas, talheres, guardanapos, molhos de chaves, etc.
A marqueza de Casa Maury obteve o titulo de campeã e todo aquelle mundo elegante se felicitou mutuamente pela finura que puzéra na aristocratica pilhagem de Paris.

Ha nas prisões pobres infelizes que a fome conduziu ao roubo e que não têm as honras de uma nota mundana...

DE JEAN LORRAIN

Si não tomassemos o partido de ignorar de que vive a metade das creaturas, não nos dariamos com mais ninguem.

ENLACES

Enlace Haydéa Leite de Castro e Arthur Torres

Elza Ribeiro Alves com David Fernandes Antunes

NOSSA NUTRIÇÃO

AUGUSTA S. MONTEIRO

PREPARO DOS DOCES CASEIROS

Dou hoje algumas indicações praticas para a confecção dos doces caseiros, tão nutritivos e saborosos.

Para cada kilo de fructa necessita-se geralmente de um kilo de assucar; póde-se empregar quantidade menor, caso o doce tenha que ser consumido immediatamente, porque alguns ficam excessivamente assucarados. A fructa que tiver caroço, necessita de tres quartos de kilo de assucar (750 grammas) para cada kilo, isto é, um quarto de kilo menos que para a fructa sem caroço. A fructa que tem muito caldo não necessita de agua; as variedades duras, ou quando a estação tem corrido muito secca, exigem um oitavo a um quarto de litro de agua para cada kilo. Quebrem-se alguns caroços de ameixas e juntem-se as sementes ao doce. Para conservar a côr e a fórma da fructa, ferva-se primeiro o assucar com a agua; a fructa junta-se depois. A fructa deve ferver com fogo regularmente forte e uniforme.

Espume-se bem. A cassarola deve ser cheia apenas até as tres quartas partes. Quando o doce está espesso e reduzido de volume, ponha-se um pouco em um pires para esfriar. Se formar como que uma geléa, está no ponto. Durante esta prova, mantenha a cassarola fóra do fogo. E' muito conveniente ter-se um tacho ou vasilha especial para fazes doces. Nunca se devem usar colheres de metal a não ser que sejam de prata. As colheres mais indicadas são as de madeira e de cabo longo. Os vasos que vão receber os doces devem estar bem limpos e enxutos. Ha vasos especiaes, de tampa automatica, que não deixam penetrar o ar, evitando o trabalho de tapal-os com papel, etc. O assucar a ser empregado, deve ser o de canna e da melhor qualidade. Aquecem-se as vasilhas, despeja-se o doce e fecham-se-as quando esfriarem ou immediatamente. E' uma questão discutida, mas, pódem ser ensaiados os dois methodos, sem perigo.

ESPARGOS

Ha tres qualidades de espargos. O branco é o melhor por ser o mais tenro; ha o espargo violeta, menos doce, mas, de gosto mais pronunciado; e ha o vermelho, o menor de todos e o menos apreciado. Devem-se escolher os espargos bem frescos o que é facil conhecer pela rigidez. Antes de cosinhar devem os espargos ser raspados no sentido inverso das suas fibras, isto é, da ponta para baixo afim de poder tirar os fios que delle se separam. Cortam-se de igual comprimento e enfeixam-se em mólhos de 15 a 20 cada um. Põe-se em uma panella, com agua que chegue para cobrir o numero de feixes que se quer cosinhar, junta-se-lhe uma colherinha de sal e quando ferver junta-se os espargos. Deve ferver uns 20 minutos. Antes de servir desmancha-se os feixes e depois de enxutos arruma-se num prato forrado com um guardanapo. Quando não se obtiver espargos frescos, é facil encontral-os já preparados, em latas. Neste caso antes de empregar os espargos, para qualquer fim é necessario esquental-os primeiro, o que se faz, collocando a lata dentro de uma vasilha com agua a ferver, e depois de quentes escorrendo a agua que trazem, a qual póde ser aproveitada ou não.

Espargos com azeite e vinagre — Cozinham-se os espargos, ou esquentam-se, conforme já foi indicado e servem-se com mólho de azeite e vinagre, sal e pimenta. Pódem ser apresentados frios ou ligeiramente quentes.

Espargos com molho de manteiga — Depois de cozidos ou esquentados, como já ficou dito, servem-se com manteiga fresca derretida, ligeiramente salgada.

Espargos com queijo parmezan — Depois de cozidos ou esquentados, toma-se um prato que possa ir ao forno, deita-se-lhe um pouco de manteiga derretida, outra de espargos, outra de queijo e assim até acabarem os espargos, sendo a ultima de farinha de rosca que se rega com manteiga derretida. Vae ao forno quente para córar.

Mas o rapaz argumentou:

— O senhor não poderá ver o ulmeiro rodar porque o senhor roda ao mesmo tempo que elle, com a mesma velocidade.

O velho reflectiu, aceitava o argumento. Meditou. De repente, collocou-se sobre uma pedra chata e deu um salto, um pequeno salto, tornando a cahir sobre a pedra.

— Vês? — disse elle triumphante — si a terra tivesse rodado, eu não tornaria a cair sobre a pedra.

Mas o rapaz sorriu e explicou:

— O senhor não póde comprehender, pae Bonoto; mas quando o senhor saltou, continuava ligado á terra por causa da força centripeta e rodou ao mesmo tempo que a pedra e com a mesma velocidade.

— Mas, grande tolo, disse o velho, si ella rodasse, quando eu estivesse do outro lado, ficaria com os pés para cima e a cabeça para baixo, cahiria.

— A força centripeta, pae Bonoto.

— Mas, seu cabeçudo, eu "tinha que estar" de cabeça para baixo.

— Mas si eu já lhe disse que não ha em cima nem em baixo.

— Mas si a terra rodasse, menino, imagina o eixo que precisa ter lá em baixo, numa grande estaca para sustental-a.

— Nada a sustenta, pae Bonoto, ella é isolada no ar.

— Oh louco! louco!

O velho calou-se. Não podia discutir com aquelle tolo. Era preciso impressional-o com qualquer demonstração irrefutavel da verdade.

O pae Bonoto poz-se a pensar, depois approximou-se de um canteiro de aboboras, colheu com uma foiçada uma abobora bem redonda, ergueu-a no ar e disse:

— Olhe, menino, olhe e comprehenda como lhe ensinam tolices na escola. Olhe o que succederia á terra si nada a sustentasse.

E largou a abobora, que se arrebentou no chão.

O PAE BONOTO

FIM

— Oh! a minha bella abobora, estás louco, pae! — exclamou uma mulher que surgira na porta da casa.

Depois ella accrescentou:

— Boa tarde, senhor Eduardo, como está crescido! Venha tomar sopa comnosco.

O rapaz recusou. Tinha pressa. Esperavam-no em casa. Despediu-se e se afastou. O pae Bonoto, distrahidamente, ajuntou os pedaços da abobora para os levar aos porcos. Estava espantado como a sua demonstração não esclarecera a verdade para o rapaz.

Entrou em casa vagarosamente, o espirito distrahido. E — nunca lhe acontecera isso, excepto quando bebia demais — tropeçou no degráu, cahiu, agarrando-se á porta desageitadamente.

— Estás bebado? — perguntou a mulher.

Os seus olhos de mulher olharam com compaixão o homem que lhe era caro, mas que era ignorante; depois, com uma sympathia maternal, pousou-os sobre o rapaz estranho e joven que lá ia saltando de barranco em barranco.

— Esse pequeno é bem bonito, disse ella, com um suspiro.

Mas o pae Bonoto meditava. Aquelle pequeno lhe dissera tolices, não havia duvida: a terra não rodava. Tinha certeza que ella não rodava continuamente; mas era certo tambem que, ás vezes, os homens podiam fazel-a rodar, como havia homens que curavam molestias, descobriam mananciaes, amarravam o rabo das vaccas, faziam parar o sol.

Si errara o degrau ao entrar em casa, é que, na certa, aquelle pequeno, para se vingar da sua demonstração irrefutavel, fizera rodar a terra no momento em que ele erguera o pé para subir.

E ficou tambem olhando o menino que se afastava, e o seu olhar estava cheio de admiração, de odio, de respeito e de medo. Perguntava a si mesmo o que iriam fazer os meninos com os poderes formidaveis que os deixavam adquirir inconscientemente.

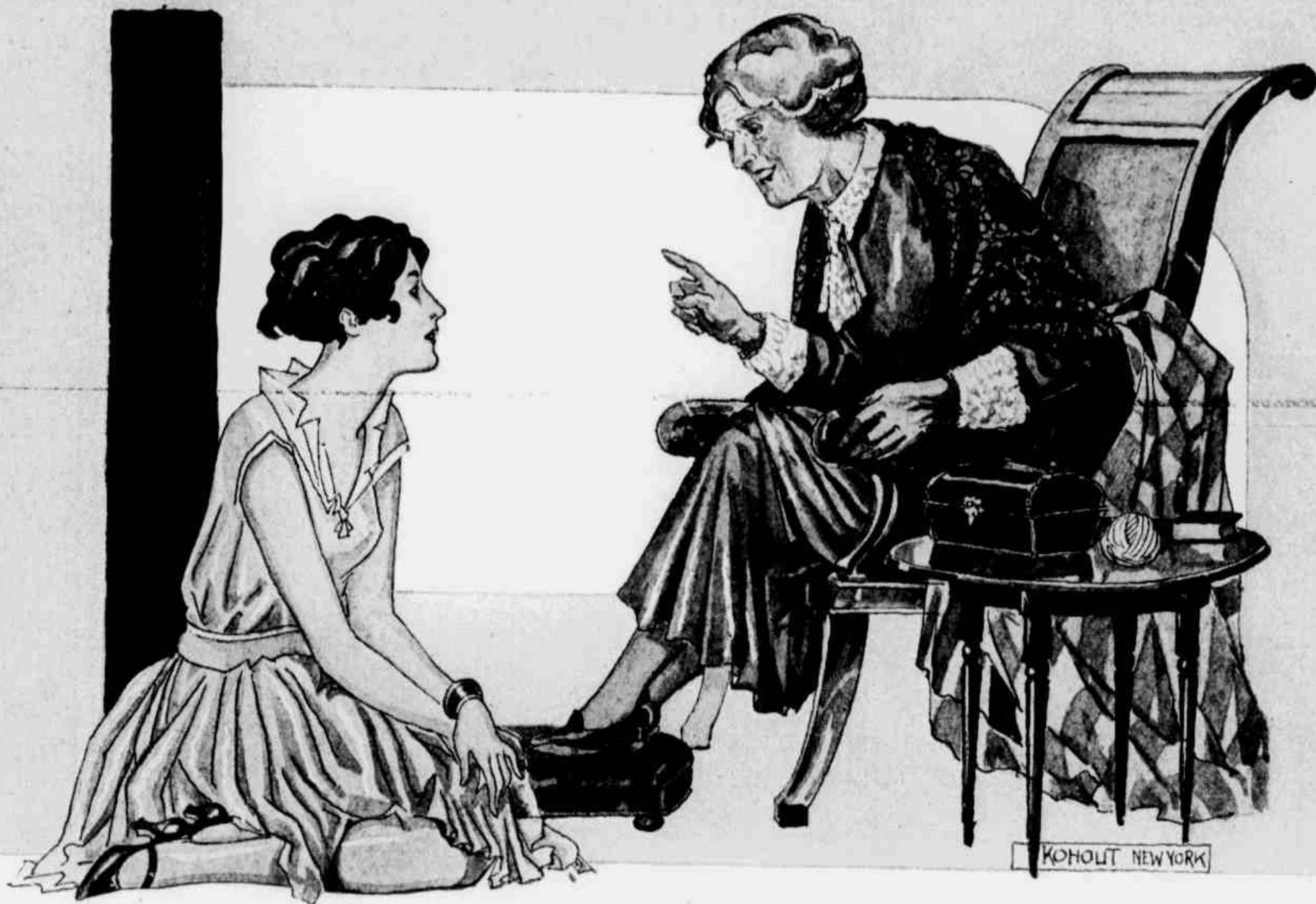
— Em que pensas? — perguntou a mulher. Toma a sopa.

Mas pae Bonoto, descuidado da sopa fumegante, o olhar distante, a cabeça carregada de preoccupações, com receio de um futuro cheio de ameaças resmungou:

— Esse patife fez a terra rodar; quando fôr grande, a fará saltar!...

: : Os clichés de : :
"Para todos..."
: : são feitos nas : :
officinas de "Vida Nova", pelo gravador

O S C A R

Avenida Gomes Freire, 138 e 14[illegible]
Telephone: 2-2437

Ninguem póde saber tudo, minha filha. A experiencia e sem duvida a melhor mestra do mundo, mas não ha necessidade de apprenderes todas as lições da vida por experiencia propria. Apprende, assim, com a minha experiencia, que deves tomar com confiança

A Saude da Mulher

o melhor remedio para Incommodos de Senhoras

porque como nenhum outro, regularisa, acalma e estimula as funcções uterinas.

As Mocinhas, as *Senhoras*, mesmo as *Senhoras de mais edade* (de 40 a 50 annos) têm n' "A Saude da Mulher" um medicamento poderoso e seguro para combater as Flores-Brancas, as Suspensões, as Colicas Uterinas, as Regras Demasiadas e as demais doenças do Utero e dos Ovarios.

Musculos
de aço
obtêm-se
com...ferro
A força só reside em organismos tonificados.
Tonificar o organismo é dar ao corpo os elementos que produzem força e robustez.
O melhor Tonico conhecido é o "Nutrion". Contendo ferro chimico em sua formula, o "Nutrion" enriquece de hemoglobinas o sangue e torna rijos os musculos. — Cada vidro de "Nutrion" é um reservatorio de Força e de Vigor!
NutrioN
NutrioN
TONICO
KOHOUT - NEW YORK.

Terra

Graça Aranha

DESEJO da Terra: arvore!
Espiritualidade da Terra: arvore!
Elegancia, força, doçura, fragilidade, eternidade.
Folhas: adorno e sentimento. Galhos: defesa, amparo, agasalho, aspiração, elevação para o Infinito.

Postura da arvore: adoração perpetua, tragica immobilidade. Silencio. Campo deserto, arvore solitaria. Montanha espectral, arvore, phantasma allucinado.

Arvore e vento. Inutil gemido. Infatigavel açoute.

Arvore e sol. Febril exaltação de aromas. Resinas. Quietação. Adormecimento da natureza na volupia do perfume.

Madrugada da arvore. Cantos de alvorada. Clarins, flautas, zumbidos. Alegria, alegria. Fim de sombra.

Nocturno. Gargalhadas. Aves zombeteiras. Rhetorica do pavor. O que a arvore vê á noite...

Suave humidade. Perfida humidade. Vida secreta. Pedras humidas. Limos, artistas subtis. Roscos troncos verdes. Céo humido.

A arvore e a agua. Perenne seiva. A Agua mysteriosa que móra no intimo da arvore e móra nas cellulas humanas. Integração.

Vida profunda. Intelligencia buscando na Terra a vida.

Humanização. Arvores disciplinadas, dominadas. Revoltas, violencia. Vingança.

Venenos. Segredos dos vegetaes. Solidariedade. Unidade verde.

Desterro da arvore. Saudade. Nostalgia.

Culto. Religião. Melancolia. Amizade. Confidencia e Consolo. Romantismo.

Velha arvore. Parasitas, cipós. Enfeite, protecção. Velha arvore se desfaz em pó. Transfiguração universal. Alegria de renascer.

E o Homem, possesso da loucura do movimento, mata na arvore o repouso e a eternidade.

Skobelef

Johan Bojer

SKOBELEF era um cavallo.

Esse caso se passou á hora em que os sinos da egreja, domingo de manhã, resoavam, não sobre caminhos desertos e nas herdades adormecidas, mas sobre uma aldeia que se animava com as longas e repetidas vibrações do metal. O barulho ribombava ao longe, e cantava:

Venham, venham
moços e velhos,
moços e velhos,
ricos e pobres,
rendeiros, pescadores, labregos das colinas,
do fjeld e dos bosques,
da costa e da vertente,
Mads de Fallin e Anders de Berg,
e Ola de Rein,
e Mette de Nausi,
e Mari e Kari de Deustali,
li, li,
venham, venham,
venham, venham,
venham.

E todas as estradas ficavam pretas de gente que ia á igreja, tanto a pé como de carro. Velhos arquejavam, cajado numa das mãos, chapéo na outra, gabão debaixo do braço, e a calça de burel cinzento arregaçada sobre as botas luzidias de graxa. As mulheres caminhavam compassadamente, de chales e livro de orações, e sentia-se de longe o perfume que haviam derramado na ponta do fichu.

O lago rodeado de bosques e de herdades se cobria de barcos, que avançavam apressados, impellidos pelas remadas rapidas; sobre o fjord vinham barcos á vela; e, até no fjeld, as vaccas pareciam ter parado de comer, e o pastor levava o chifre de cabra aos labios e assobiava, descendo para a igreja. Era assim um domingo, daquelle tempo. Era festa.

Hoje, tantos annos depois, parece-me que num dia como aquelle, havia sempre sol e as florestas estavam sempre verdes. E a velha igreja, no meio dos altos cimos de arvores, não era mais uma construcção, e sim um ser sobrenatural. Parecia um ser que sabia tudo. Tinha já seculos. Vira os mortos, quando eram vivos, e iam á igreja como nós. O cemiterio que a rodeava era uma pequena aldeia de cruzes de madeira, e lages, e o matto crescia espesso entre as columnas que pendiam. Bem sabiamos que o sacristão o cortava e dava ás vaccas, e quando bebiamos leite em casa delle, esse leite nos parecia ter tomado o gosto das almas dos mortos, era como que uma especie de leite de anjo, e nós nos sentiamos melhor depois de bebel-o.

Ora, nós, os garotos, ficavamos no outeiro da igreja, e faziamos como os grandes: commentavamos as pessoas que chegavam apressadas. Eram julgadas segundo a apparencia, e a attitude. A enferma se fazia pequenina, e procurava occultar-se no meio da multidão, as importantes olhavam de frente para os mãos e os bons rostos, as mulheres bonitas baixavam os olhos e sorriam. Nós, os garotos, buscavamos na multidão alguma figura que admiravamos, algum herói ao qual gostariamos de nos assemelhar, pois, um dia, seriamos tambem grandes. Havia o novo professor; apparecia com uma roupa de burel, casaco bem abotoado, collarinho branco, chapéo melão e guarda-chuva. O seu ar collocava-o muito acima dos camponezes. Era claro que nós tambem deviamos ir á escola normal. Mas eis que se apresentava um açougueiro da cidade com terno de cheviotte, corrente de ouro sobre o collete branco, collarinho de uma brancura resplandecente e chapéo de palha. Dava prazer olhal-o. O professor tornava-se poeira. Era claro que nós tambem, quando fossemos grandes, deveriamos entrar para o açougue.

Numerosos senhores gorduchos nos faziam sonhar, e não foi sem emoção que vimos pela primeira vez um tabellião da cidade. Era um funccionario real. Usava adornos até em cima do nariz e oculos de ouro. Desde esse momento a nossa ambição tornou-se desenfreada. A esperança de chegar ás escolas superiores podia ser muito problematica, mas a maioria dos nossos procurou instruir-se com tanto ardor que ficou doente dos olhos e teve que usar oculos.

Veiu então Skobelef. E Skobelef era um cavallo.

Havia algumas semanas que pequenas e ageis pernas tinham percorrido a povoação espalhando a grande novidade. Peter Lo possuia um novo cavallo de luxo, um verdadeiro sonho. Tinham sido necessarios seis homens para desembarcal-o do vapor, mas alguem sabia conduzil-o sósinho, era Peter Lo. Muitas vezes o cavallo caminhava em pé. Até dormindo rinchava. Era tão selvagem que já matára muitos homens. Chamava-se Skobelef.

Que é que davam a Skobelef para comer? Nem feno, nem aveia, nem palha picada, não, Skobelef só comia ovos crús misturados com aguardente. Diziam que Peter Lo e o cavallo tomavam juntos esse poderoso alimento. Todos dois precisavam fortificar-se.

Depois veiu o domingo em que estavamos no outeiro da igreja, olhando para o lado da aldeia. Peter Lo naquelle dia devia ir á missa com Skobelef.

E a longa procissão de carros conduzindo gente do valle começou a chegar. Fôra augmentada pelos que vinham dos innumeros caminhos lateraes, e naquelle momento era como um longo e unico cortejo nupcial. E nós olhavamos os cavallos, á medida que desfilavam diante de nós, e julgavamos as pessoas que estavam nos carros pelos animaes que os puxavam. Viamos passar animaes gordos e magros, fatigados e fogosos, todo um mundo de existencias. Velhos rocins, barrigudos, pescoço comprido, espinha dorsal saliente, baixando a cada passo a cabeça para o chão, como se tivesse algum profundo desgosto; depois animaes prosperos, que faziam pensar numa rica descendencia e em dinheiro bem empregado. Uma jumenta que teve numerosa prole, o que a fazia voltar a cabeça e lançar um olhar maternal sobre o mundo inteiro. De tempos em tempos, cavallos de fjord, com pellos longos nas coxas, fatigados, suavam na frente de uma pesada carruagem; alguns eram tão pequenos que se assemelhavam a um rato. Appareceu um grande e velho cavallo ruivo, com uns olhos enormes muito meigos, e joelhos vacillantes; olhava em torno, perguntando porque não lhe davam folga naquelle dia. E havia tambem virtuosas faces de jumentos, severas, prestes a proclamar que tudo é vaidade; seguidas por jovens loucos que rinchavam a proposito de tudo. Mas, aquelle cavallo castrado, ruivo, por que estava enlameado até na barriga? Oh, elle era de uma herdade na montanha; desde o amanhecer caminhára por turfeiras e charnecas, atravessára riachos e torrentes, e no valle arranjaram emprestado o carro ao qual o atrellaram. Tinha ainda muito trabalho antes de entrar em casa. Sim, era uma procissão. Mas onde estava Peter Lo? Onde estava Skobelef?

Oh! vinha um carro atraz de todos. Estava ainda longe, entre as herdades. Mas approximava-se rapidamente. Havia centenas de olhos assestados sobre elle.

Era Peter Lo. Era Skobelef.

Os sinos repicavam. A maioria dos cavallos tinham sido retirados dos carros e amarrados aos grandes freixos, mergulhavam a cabeça num sacco de feno, mastigavam e olhavam com um ar tristonho. Mas de repente todos levantaram a cabeça e até os magros rocins procuraram torcer o pescoço para verem a estrada, em baixo.

Era Peter Lo. Era Skobelef.

Chegava a galope na frente do carro. Preto, grande, as pernas com excrescencias de pello nos cascos, dansavam; a crina se agitava como uma enorme onda sobre o pescoço; os olhos, dois relampagos; fitas vermelhas, de premios, se balançavam nas suas orelhas. Vinha com a cabeça levantada e fungava, aspirando o ar da manhã; tomava posse de toda a paizagem, e subito — ergueu a voz e feriu o ar com um signal — oh! que toque de trombeta! As montanhas responderam em echo. No carro estava Peter Lo, redeas soltas, e muito tranquillo; era um homem de trinta e cinco annos apenas, hombros largos, prospero, com um sorriso no canto da bocca e um tufo de barba no queixo. Infelizmente a mulher, sentada junto delle, era muito mais idosa, tudo pendia no seu rosto, as faces vermelhas estavam dependuradas, as palpebras tombavam, os dois cantos da bocca pendiam, e gemia sem cessar quando falava. E Peter Lo se encantava por tudo que era bello, mesmo quando se tratava de uma coisa que não lhe pertencia. Quando Skobelef relinchava para os amigos, Peter Lo lançava um olhar para as pessoas da multidão que elle conhecia mais, e sorria. Skobelef parou; recebeu uma chicotada, empinou; recebeu outras, e subiu com alguns saltos a alea que conduzia ao presbyterio. A multidão seguiu-o, nós, os garotos, na frente como uma nuvem de passaros.

Era já um espectaculo ver Peter Lo tirar Skobelef do carro e conduzil-o para a entrada da estrebaria. Peter Lo se mostrava muito elegante naquelle dia; podia-se dizer que o cavallo lhe dera uma nova posição honrosa; o terno cinzento estava escovado com cuidado, trazia um chapéo melão como o do professor, e os sapatos bem engraxados voavam aereos, por momentos. A assistencia, de cabeça voltada para o lado, arregalava os olhos. Depois a visão desappareceu na porta da estrebaria, de onde Peter Lo tornou a sahir um mi-

muito depois; esfregava as mãos para desembaraçal-as do pello do cavallo, evitou a lama que poderia sujar-lhe os sapatos brilhantes, e desceu lentamente para a igreja. A multidão seguiu-o. Peter Lo entrou na igreja. A multidão seguiu-o. Peter Lo se sentou numa cadeira, pegou no livro de orações e se poz a cantar. A multidão fez exactamente como elle, e o canto encheu a igreja.

Mas nós, os garotos, naquelle dia montámos guarda diante da porta da estrebaria. Elle teve sorte da porta ser fechada á chave. Que aconteceria se Skobelef fugisse? Ouviamos, com arrepios, o roçar do cabresto, patadas no chão e por vezes as paredes estremeciam com um relincho de appello. Oh! como era excitante. Nós não nos moviamos e cochichavamos uns com os outros.

E para os cavallos tambem era um grande dia. Os jumentos, sob os freixos, perderam o appetite, esticavam constantemente o pescoço e queriam dar-se ares jovens; os cavallos de todas as especies tinham visto um adversario cujos olhos luziam de orgulho. Iriam tomar partido? Furiosos, davam com as patas no chão, e os protestos abalavam o ar de todos os lados.

Emfim, os sinos soaram. Todos sairam da igreja, mas a maioria esqueceu os proprios cavallos. A praça se encheu, queriam ver Peter Lo, quando elle fosse buscar Skobelef na estrebaria.

E elle appareceu. Todo mundo o olhava, elle caminhava, conversando com o sacristão, como um homem igual aos outros. Mas adquirira já os mesmos movimentos de mão que tinha o padre no pulpito.

As pessoas começaram a afastar-se. Um homem prudente se retirou do meio do pateo. As mulheres subiram para as pontes das granjas. O melhor era deixar o espaço livre, mas todo mundo queria ver.

Peter Lo metteu a chave na fechadura e sumiu-se. No interior um relincho retiniu como sete trovões, um cabresto rangeu, patas bateram no chão; e um instante depois um peito preto de cavallo surgiu na porta. Skobelef lançou um grito de guerra aos céos e á terra, Peter Lo foi atirado ao ar, mas, um pouco mais distante na praça, tornou a cahir na sella. As mulheres empalideceram. Os homens saltaram para se salvarem e perderam os chapéos. Peter Lo e Skobelef se puzeram a dansar em torno da praça. Skobelef bufava, espumava, o seu corpo negro se cobria de pingos brancos; não estava de accordo com Peter Lo, não queria ir para o carro, preferia ficar no meio dos amigos, relinchava, escoiceava, saltava de um lado para outro, e dois sapatos engraxados voavam constantemente no ar. Era uma visão de sonho. A praça ficou limpa de gente e de carros. Tornou-se uma sala de dansa para Skobelef e Peter Lo. Peter Lo gritava para Skobelef e Skobelef gritava para o mundo inteiro e para Peter Lo. Finalmente, Skobelef mostrou vontade de entrar no presbyterio e de conversar com a mulher do pastor, mas os sapatos de Peter Lo tomaram a dianteira, fizeram escora contra a escada, e Skobelef derrubou apenas a balaustrada. Peter Lo estava todo vermelho, Skobelef tinha o corpo todo coberto de espuma. As mulheres suspiravam commovidas.

O animal allucinado teve entretanto que entrar nos varaes do carro, e quando as redeas foram collocadas, elle se poz em pé sobre as patas trazeiras, mas recebeu uma chicotada no pescoço, e então começou a dansar nas quatro patas, sacudindo a cabeça, com as narinas dilatadas. Nesse momento a mulher de Peter Lo enrolou-se no chale, e... tranquillamente subiu para o carro no meio daquelle terremoto. E Peter Lo, sentindo-se vencedor, agarrou as redeas e sentou-se ao lado da mulher. Um relincho, olhos em fogo, espuma, estalar de chicote, e um instante depois só se via uma nuvem de poeira, que desappareceu entre as granjas.

Nós, os garotos, ficámos parados. E os outros, em seguida, todos confusos, trataram de atrelar os seus cavallos. Depois de um tal espectaculo, não valia a pena olhar nada.

Desde esse dia, Skobelef tornou-se um personagem considerado nos arredores. Peter Lo e Skobelef, juntos, um ser superior, diante do qual se ficava de bocca aberta quando passavam num relampago. Podia-se dizer que elles provocavam em torno uma vida mais activa. Cada qual procurava cuidar melhor dos seus cavallos, cada qual queria vel-os mais gordos e mais luzidios. Começaram a rodar com maior rapidez pelas estradas, a conversar com mais vivacidade, a rir a proposito de tudo e de nada, a dar mais liberdade ao espirito. Todos os domingos, quando a povoação dos arredores estava perto da igreja para olhar Skobelef e Peter Lo, era como que a revelação de uma nova força vital, assistia-se á propria alegria do movimento, á celebração do poder, do cantico dos musculos felizes.

Este e aquelle comprehendiam, emfim, que a vida não é unicamente suspiros e peccados. Os dias passados aqui, na terra, têm tambem o seu esplendor.

E Peter Lo, pouco a pouco, começou a vestir-se com mais elegancia ainda. Lia livros, usava um collarinho branco e se assoava num lenço quando estava na igreja. Falava a mesma linguagem que o preboste. Sabia que todos os olhos estavam fixados sobre elle e sobre Skobelef, e isso lhe dava um sentimento de responsabilidade, e o desejo de ser um exemplo para todos. E não eramos apenas nós, os garotos, que diziamos nas nossas orações da noite: "Meu Deus, ajudae-nos para que cheguemos a ser como Peter Lo, quando formos grandes". Os grandes o imitavam. "Engraxas os teus sapatos como Peter Lo", dizia um. "E tu usas collarinhos brancos como Peter Lo", respondia o outro. Skobelef fôra para formar, no aldeia, uma nova raça de cavallos, mas tornou-se o poder espiritual e o educador de todo o districto.

Isso não foi bom para Peter Lo. Elle só se achava bem junto do animal. Perdeu o gosto pelo trabalho. Só queria percorrer os arredores com o amigo, numa rapidez de relampago, ou dar com elle uma aula de edificacão diante da igreja. Diziam tambem que o homem e o cavallo começavam a assemelhar-se. Skobelef tinha um sorriso no canto da bocca quando via os amigos, e Peter Lo uma especie de relincho quando encontrava os camaradas na igreja.

A situação de Peter Lo não era commoda. Elle se encantava por tudo que era bello, mesmo quando se tratava de uma coisa que não lhe pertencia. E quando se embaraçava nalguma louca aventura, ficava confuso. Então ia á igreja e commungava. Nós o vimos, muitas vezes, passar no carro puxado, não pelo cavallo celebre, mas por uma velha jumenta. No cabriolé ia sentada a mulher triste, de um lado caminhava o sacristão, e do outro Peter Lo, de cabeça baixa. Nesse dia elle ia ouvir o sermão de mãos postas, sem olhar uma unica vez para o lado das mulheres, e em seguida subia até ao altar para o sacramento. Caminho de penitencia que antes fazia rir. "Peter Lo teve mais uma aventura", diziam todos.

Mas dias depois elle andava pelas estradas, a galope, montado em Skobelef, e se embebedava com tanta alegria de viver e tanto prazer com o que era bello, que não tardou a tornar-se mais perigoso do que dantes. A mulher, queria, por tudo, desembaraçar-se de Skobelef; affirmava que era impossivel reconduzir Peter Lo ao caminho do bem emquanto elle tivesse tal companheiro.

E dentro de pouco, em quasi todos os cantos pelos arredores, cresceu uma quantidade de cavallos negros, que dansavam, e as rodas começaram a rodar mais rapidas pelas estradas. Todo mundo parecia prestes a lançar um alegre relincho. Os homens andavam de cabeça levantada e olhavam, contentes, em torno delles, as mulheres tinham coragem de rir francamente, a mocidade tomou gosto pela dansa.

Mas Skobeef não durou muito. Fugiu da estrebaria uma noite, e tomou o caminho da montanha para reencontrar os amigos, que andavam pastando por lá no verão.

E quando Peter Lo encontrou a estrebaria vasia, poz-se a gritar e a lamentar-se, como se presentisse uma desgraça. Sabia para onde o companheiro devia ter ido, e as pessoas dos arredores contaram que ouviram Peter Lo, grande parte do dia, errar pelo bosque e relinchar como Skobelef, para chamar e attrahir o amigo.

Terminou por encontral-o. Skobelef estava enterrado até o pescoço numa turfeira pantanosa, muito longe, sobre as montanhas cobertas de arvores, e fizera taes esforços para sahir de lá que uma das pernas da frente estava partida, e as pontas de ossos para fóra. As moscas lhe haviam picado os olhos, que estavam ensanguentados.

Peter enxugou-lhe os olhos com um pouco de matto, e deu ao amigo um ovo crú com aguardente. Depois chorou um momento, mas teve, por fim, que pegar na faca...

Depois desse dia, Peter Lo passou a conduzir o carro mais lentamente pelas estradas. Andava sempre de cabeça baixa, e o tufo de barba, do seu queixo, ficou grisalho.

Hoje, está velho, mas veste-se sempre com mais elegancia do que as outras pessoas, e fala a linguagem das cidades como antes, e quando lhe tocam em Skobelef, os seus olhos se enchem de lagrimas: "Skobelef, oh! era mais, muito mais do que um cavallo. Era como uma escola primaria superior, que educava nós todos."

"CAMPONEZES"
Madeira
de Ezequiel Negrete

EPISODIOS

ODILON JUCÁ

A vida de sociedade, que tem creado as mais inacreditaveis antinomias em materia de semantica, vulgarisou o substantivo *distincção* como synonymo de nobreza, elegancia, educação... De sorte que *distincto* perdeu a sua significação etymologica de differente, inconfundivel, para ser justamente o contrario, isto é, a expressão do banal e encontradiço, do incaracteristico e incolor.

Um chronista elegante, por exemplo, é uma creatura distincta. Dois chronistas elegantes, logicamente, duas creaturas distinctas. Um pensa com o outro e os dois dizem sempre a mesmissima coisa.

Essa mesmissima coisa está no ar que se respira soprado de todas as boccas que esfolham sorrisos pelos salões elegantes.

E' a mais commovente das frente-unicas, a frente-unica da opinião e da idéa. Basta que ellas sejam uma vez externadas no sagrado meio para que desde logo os iniciados a recebam como dogmas e saiam apregoando-as por toda parte... Ninguem contesta, ninguem discorda, ninguem faz restricção.

Eu gostaria, por isso, de ter a força de persuasão necessaria para fazer acreditar ás gentis patricias da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino que não ha homem mais feminista do que eu, embora com a má educação de ter opinião propria, de reservar-me o direito de uma vez por outra discordar do pensamento e da acção do mais autorisado "leader" das reivindicações de direito da mulher.

Ainda agora, tenho com a instituição do dia das mães a tristeza de denunciar a minha indisciplina ideologica. Mas o faço conscientemente e por dois motivos. Primeiro, a excentricidade dessa creação de dia das mães entre nós, sob a allegação de que elle existe na America do Norte e em alguns paizes europeus. Qual, porém, a finalidade de mais essa servil macaqueação do que fazem os outros povos? Passará alguem, pelo simples facto de carregar uma flôr symbolica em dado dia do anno, a amar mais um pouco sua mãe ou a sua memoria? E' muito duvidoso. Segundo motivo: é convicção minha, não de agora, que a mulher precisa ser libertada de uns tantos preconceitos que a collocam, injustamente, em plano inferior ao do homem. O que a mulher tem conseguido socialmente no Brasil é quasi nada comparado com as conquistas feministas em outros paizes. Por que? Pela falta de orientação das correntes feministas brasileiras.

Eu tenho ouvido e lido sempre, de oradores e escriptores feministas, que é tão absurdo dizer-se que a missão da mulher é ser mãe, como restrictivo de sua personalidade no meio social, quanto seria dizer-se que a missão do homem é ser pae. Concordo. Mas não comprehendo a insistencia nas excelsas qualidades da maternidade, que não é menos involuntaria do que a paternidade, perante a natureza.

A mulher quer ser igual ao homem em face de todos os direitos naturaes e sociaes. A sua pretensão é inteiramente justa. Apenas não a verá realizada emquanto se attribuir, ella propria, privilegios inocuos e virtudes mirificas.

Perante a natureza o pae e a mãe são valores iguaes, quantidades identicas que se sommaram e se completaram em proveito da especie.

Ora, se a mulher insiste em affirmar que o seu merito de mãe é maior que o de pae, do homem, este transige por velhacaria, priva-se do direito natural ambicionado pela companheira e arrebata-lhe, em compensação, todos os direitos sociaes. E' a mais antiga modalidade do *conto do vigario*, no qual a mulher, querendo lesar, é lesada.

A mulher que abandone, portanto, as pretensões descabidas de privilegios naturaes imaginarios. A natureza não confere privilegios odiosos. Nem a um nem a outro sexo. Essas differenças são producto do egoismo humano. Diga a mulher, apenas, que a maternidade traz em si onus de ordem physiologica que a assistencia social tem o dever de compensar, fundando, para isso, hospitaes especializados, créches, etc.

As prerogativas que menos se fazem reconhecidas são as que procuram a sua força persuasiva em sophismas. Não pode haver merito especial naquillo para que se não concorre voluntaria e conscientemente. E' grande o numero de casaes ricos que lamentam não ter filhos, e maior ainda o numero de casaes pobres que quasi amaldiçoam a fecundidade propria.

Socialmente existem filhos sem paes. Mas perante a natureza, não. A cada filho tocam um pae e uma mãe. E se ha paes desnaturados, tambem mães existem que desde o nascimento do primeiro filho pode começar-se a chamal-as de sogras.

Depois da terceira "Noite Para todos...", na Radio Sociedade Mayrink Veiga, com a collaboração de Anna Amelia, Eugenia Alvaro Moreyra, Joubert de Carvalho, que apresentou, em primeira audição, as suas ultimas composições, destinadas ao exito de todas as composições de Joubert de Carvalho, e que foram cantadas por Olinda Leite de Castro, Gastão Formenti e Jorge Fernandes.

GOETHE

Renato Almeida

O escriptor Renato Almeida que realisou, na Pró Arte, uma das conferencias da série commemorativa do centenario de Goethe, falando da vida amorosa do grande poeta. Dessa conferencia é o trecho desta pagina.

Foi assistindo a um theatrinho de fantoches, na Allemanha, no qual se representava a vida do Doutor Fausto, que se revelou a Goethe a sua propria historia, principiada na exaltação da mocidade. E, por mais de sessenta annos elaborou essa obra, afinal "inacabada, como a sabedoria humana, fragmentaria como a acquisição dessa sabedoria mesma". (Pierre Laserre).

Imaginae o que passou pela cabeça do poeta, a sua percepção totalista do universo, as fontes de lirismo que se derramaram na sua alma, as lições que recebeu da vida e da natureza, essa natureza, que lhe era um livro perpetuamente aberto, a melancolia que lhe escureceu não raro o pensamento, o extase em que o exaltou o espectaculo surpreendente das coisas, imaginae a tragedia interior do homem Goethe e tereis o Fausto. E, nelle procurou, segundo está escrito na sua carta testamento a Humboldt, dar a tudo quanto lhe offerecera a imaginação, fórma artistica, dispondo como pinturas vivas, de sorte que, quantos o ouvissem ou lessem, tivessem as mesmas impressões que elle experimentára.

Dahi haver no *Fausto* uma obra de juventude, maturidade e velhice. Na primeira parte, encontramos o homem insaciavel, que pretende o segredo mysterioso das coisas para se igualar aos deuses e, depois, quando o Espirito da Terra o repelle com violencia, não conformado, mas aceitando a contingencia, della faz uma arma para a luta, que enceta com ardor e vibração, vigiado por Mephistopheles. Na segunda parte, aquella actividade se manifesta em sua plenitude e volve-se, consoante a opinião de Metchnikoff, numa tendencia optimista. Sim, Fausto foi optimista, porque acreditou sempre e recusou a negação, que Mephisto lhe propinava a cada hora, como indigna da propria especie. Andou, e quanto!, atraz da illusão e viu não raro dissipados os seus melhores sonhos. Mas, de cada desillusão, passado aquelle instante de melancolia, que é travor nas bocas mais optimistas, Fausto criava um novo entusiasmo, não para a gloria, que é fumo, mas para a acção que redime.

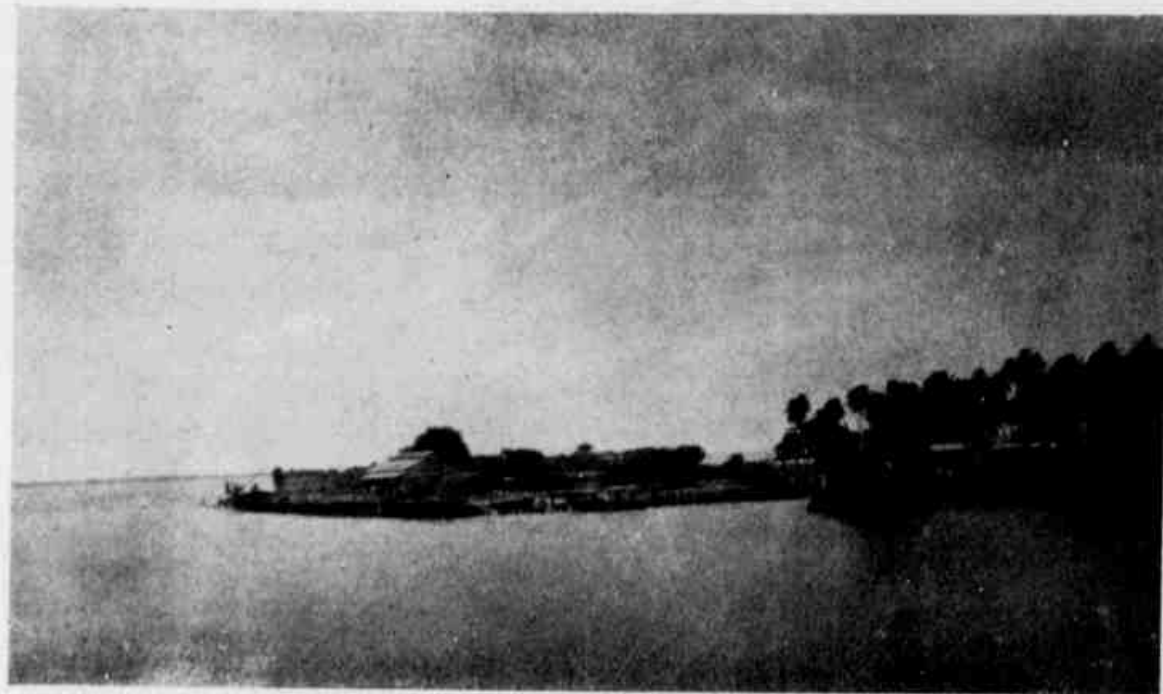
O *Segundo Fausto* é o desdobrar do esforço do Doutor, até attingir á *via illuminada*, que se abre do quarto acto. A obra então, se torna obscura, a imaginação fecunda cria motivos sobre motivos, que nos deixam perplexos, muita vez confusos. Parece uma ironia de Mephistopheles e ficamos attonitos, como aquelle ridiculo estudante, de que o diabo zombou sem piedade.

Só o *Helenadrama*, criado em plena pujança do genio, não revela no Segundo Fausto, essa fadiga de quem já devastára tudo quanto a intelligencia póde penetrar na vida e se apega, agora, aos symbolos para desvendar o impossivel. Mas, o necessario era não parar. E Goethe confessa a Eckermann que, outróra, podia escrever, onde estivesse, duas ou tres peças por dia, mas então, em 1828, o que escrevia cada dia, só pela manhã, refeito pelo somno, caberia no concavo da mão. O impulso inicial amortecera, mas Fausto não pára... Ao abrir-se a segunda parte da tragedia freme de exaltação e essa exaltação não cessa, porque, como Goethe, é o que aspira. Fausto reinicia o novo cyclo, sentindo os pulsos da vida lhe baterem com vigor, como Goethe velho, escrevendo a Carlyle, diz que, agradecido ao premio da longa vida, expressa o seu reconhecimento a Deus e á natureza por uma actividade juvenil. E o poeta transforma em alvorada ainda a sua irremediavel marcha para o ocaso.

Se lhe falta aquelle fulgor dos primeiros annos, valem-lhe a experiencia e cultura e o Segundo Fausto joga resolutamente um tumulto de idéas-forças, procura objectivar as mais extranhas abstrações e tudo se movimenta, tudo se metamorphosea ao sonho activo do genio, que recusa estacionar. E a allegoria póde ser perturbadora, inquietante mesmo, uma atmosphera diffusa sombrea as concepções ousadas, que se juntam, se amontoam e se multiplicam, mas tudo affirma a insaciavel aspiração. Muitos explicam a sua serenidade, como uma postura de indifferença, quando essa apparente frieza diante dos factos era a defesa suprema do espirito, para não se enlanguecer, não amortecer o impeto da interminavel porfia. Jamais a serenidade goetheana procurou a quietação e, ao fim da vida, ouvi-o exclamar esta emocionante affirmativa: "Voai sempre e cada vez mais longe, ó chimeras! Para além das regiões e dos oceanos! Planai em todos os sentidos perto da borda! A experiencia se renova sem cessar, emquanto nosso coração fica angustiado. A dôr mantem a alma da mocidade e vós, lagrimas, sois um hymno de ventura!" E' o mesmo Fausto, apressado sempre, reclamando a acção redemptora! E assim até o fim, quando Fausto-Goethe morre, pedindo *mais luz!*

O Brasíl é grande...

O Brasil que os brasileiros não conhecem... E' quasi todo elle. O sul não suspeita da existencia do norte. O norte não sabe que o sul existe. O primeiro Cruzeiro Turistico Economico Inter-estadoal Rio Grande-Manáos-Rio Grande, organisado pelo Touring Club do Brasil, a se realisar no fim de Maio que vem, vae fazer a revelação patriotica e necessaria.

COSTA DO MARANHÃO

ASPECTO TYPICO DO NORDESTE

ITACOATIARA NO AMAZONAS

Photos A. C. Martins

ESPELHO DA VIDA

LICURGO COSTA

Frequentador diario das salas de projecções, sem nunca ter conseguido attingir ao estado de beatitude espiritual de um "fan", não me foi dado entretanto até o presente assistir a um film desses que ás vezes se diz que são prejudiciaes.

Porque ensinam em demasia.

Claro que quando alguem me affirma tal cousa eu vou com urgencia ao cinema censurado para conhecer o caminho da perdição.

E volto sempre desconfiando de mim mesmo porque não alcancei a razão das restricções.

Tragedias de amor.

Aventuras da contra-sociedade.

"Bas-fonds".

Mas tudo isto anda por ahi, dentro da existencia de todos os dias.

Purissima questão de saber observar.

Pois o cinema chega á perfeição de reproduzil-as até nos seus pormenores inuteis!

Não pode haver maior boa vontade no decalque...

A unica differença que eu noto está no brunimento que as coisas adquirem quando passam para a tela.

Entretanto a maldade que está esparça pelo mundo não é nunca augmentada, mas quando muito destacada para ser vista melhor.

Ha tanta gente distrahida por ahi...

* * *

Para mim os apparelhos que apanham aquelles entrechos que desfilam aos nossos olhos, são como microscopios agilissimos focalisando a vida.

Façam na imaginação, os seus visinhos mais tranquilles serem acompanhados passo a passo pelas machinas de filmar, e vejam que admiraveis entrechos cinematographicos apanharam.

Porque deixará de haver os hiatos de attenção creados pelas multiplas solicitações dos caminhos que vamos seguindo.

A vantagem do cinema sobre a observação da vida em si, está no facto de fazer aquelle desenrolar-se um assumpto sem solução de continuidade.

Do contrario seriam p e r f e i t a m e n t e iguaes.

* * *

Onde, portanto, os males causados por certos films?

A tela é o espelho da vida.

Si tudo fosse unicamente, sobre o mundo, paisagens cobertas pelas flores do amor-perfeito então o espelho não poderia reflectir masellas.

Si nós as vemos na tela, não tenhamos duvidas, é porque a camera as apanhou cá fóra.

Leibnitz, que escreveu tanta cousa incerta e nebulosa sobre a vida, fez sobre a imaginação um conceito bem applicavel ao cinema.

"A nossa imaginação — raciocinava o pensador germanico — não é mais que um espelho de realidades possiveis. Tudo o que pensamos, tudo o que passa pela nossa mente é de qualquer maneira realisavel."

Assim tambem no cinema: quando passa na tela já a vida está cançada de observar o episodio.

Então o que pode acontecer e inegavelmente acontece é que o homem se precavem porque repara e grava as "maneiras" do mal.

De onde se conclue que em ultima analyse o cinema finda por ser um optimo conselheiro — até quando ajuda a errar.

Mas por isso mesmo é um espelho da vida.

E "biseauté"...

S E M

O Rio está contente com a visita de Sem. Esse homem que não envelhece veiu de Paris, daquelle Paris que foi a cidade-alma, a terra que dava intelligencia ao mundo inteiro. Antes de 1914. Muito antes de 1918. Depois, houve a invasão dos barbaros. Depois houve a estandardisação. O Paris de Sem tinha sido outro. Sem ficou o mesmo no Paris novo. Aqui estão reproduzidos alguns momentos do tempo em que só no verão não se falava francez no Boulevard. Montesquiou, Rostand... A gente agora não gosta mais delles. A gente agora sabe coisas que não sabia. Mas dá saudade uma phrase das "Chauves-Souris", e um verso do "Cyrano" ainda enternece. Não é verdade, amigo Sem?

O conde
Robert de Montesquiou

O Boulevard
antes da guerra.

Edmond
Rostand

CINEMA

Corina Freire, artista de Portugal, que tem vindo ao Rio em films de successo certo.

DE uma chronica de Philippe Soupault:

"Ha muitos mezes já que a imagem falante e sonora de Milton attrae todos os parisienses. Em todos os cantos de rua, em todas as lojas, em todos os cafés, em todos os bars, em todos os *ateliers* ouve-se o estribilho de *Le Roi des Resquilleurs*:

J'ai ma combine...

Nunca, em tempo algum e em nenhum paiz, um cantor conheceu tão formidavel popularidade. Milton merece esse successo eminentemente popular, pois representa um dos typos preferidos pela multidão: o do *bom rapaz*. Optimista, prestativo, que sabe lutar com as difficuldades da vida conservando o sorriso.

A multidão reconheceu logo na figura alegre de Milton os traços daquelle que é capaz de caçoar o soldado, illudil-o e ter sempre razão. Para accentuar o personagem, tomou as maneiras e a attitude do parisiense, alegre e brincalhão, que Victor Hugo chamou *gavroche*.

Podiamos enumerar muitos outros caracteristicos do typo que Milton não creou, mas recreou modernisando-o. A sua habilidade suprema foi fazer desse heróe supremo da multidão um esportivo. Por esse traço de genio, Milton se tornou irresistivel.

Le Roi des Resquilleurs nos permitte assistir a esse phenomeno tão raro e tão difficil, o nascimento de um typo. Milton lançou depois de tantas canções, o personagem de Bouboule. Durante muitos annos ouviremos falar nelle."

GABY MORLAY

UMA ESTRELLA QUE SE TORNOU TAMBEM "STAR"

Pierre Bernard

E' magra. Não é grande. E', si assim ouso dizer, de um modelo corrente. Mas tudo nella é tão perfeito que se póde pensar que serviu de prototypo para a fabricação desse modelo. Fóra de scena, é uma mulher encantadora, alegre, esportiva. Mas é sufficiente apparecer em scena ou na téla para ser uma grande artista.

Seria injusto dizer que ella representa um papel.

Ella vive.

Ella é sincera.

Ella representa sem fingimentos.

E' ainda o melhor meio de ganhar a partida.

* * *

E ella ganhou a partida. E "comment"!

Dizem que a fortuna vae para as mãos de quem se levanta cedo. Gaby Morlay se levanta, todos os dias, ás sete e meia.

Sim. Fazem sempre idéas falsas sobre as artistas. Crêm que ellas vivem de noite e dormem de dia. Mas, bem vêem, que nem sempre isso é verdade.

Ella mora em Boulogne, numa casa cercada de jardim. E quando lhe perguntam o que é que faz ás sete e meia, ella responde, sorrindo:

— Subo e desço as minhas escadas. E depois vou ao jardim.

A proposito disso, uma joven estreante, a quem davam como exemplo a actividade de Gaby Morlay, declarou, com uma tocante ingenuidade:

— Farei como Gaby Morlay. Apenas, eu ainda não tenho escadas minhas.

Gaby Morlay gosta de animaes. Já chegou a reunir na sua propriedade vinte e dois cachorros.

E, acima de tudo, gosta dos esportes.

Todos os annos, os espectadores do Gala da União dos Artistas podem admiral-a no seu numero, digno dos melhores virtuoses do circo.

Será que numa dessas noites, num salto perigoso, ella foi tomar logar entre as estrellas? Bem que se póde crer.

Entretanto a sua historia é outra.

* * *

Hoje, Gaby Morlay attingiu o cimo da sua carreira. E' princeza no theatro e rainha na tela.

Antigamente, era uma anonyma do music-hall.

E' preciso começar.

Si abrirmos uma publicação theatral de antes da guerra, encontraremos talvez a photographia de uma mulher moça que, em "crevette rose" ou em "oseille" mostra em todo caso as pernas, pois no music-hall ganham-se galões com pernas, como a infantaria.

Chamava-se nessa época, Gaby de Morlay.

Hoje, ella perdeu a particula mas isso não lhe impediu de se tornar um nome.

GABY MORLAY
(Photo Henri Manuel)

(Desenho de Don)

Trabalhou na revista, no Theatro Capucines. Pequenos papeis, pequenas pontas. Conheceu esses fins de mez que duram tres semanas, cantados por Marcel Achard.

Mas, quando se tem qualquer coisa na cabeça...

Um dia, Berthez confiou nella e deulhe uma peça para crear. Foi *Simone est comme ça* e isso foi a sua fortuna.

Em seguida, *Miquette et sa Mère*, no Theatro de Paris. Mostrou-se, nessa peça, tão leve e tão joven, que o resto da comedia parecia empoeirado: um raio de sol numa peça longo tempo abandonada.

Depois interpretou *Après l'Amour*, ao lado de Lucien Guitry.

Emfim, Bernstein veio.

Notára a joven artista em *Simone est comme ça*. Ouvira risos. Declarara peremptorio:

— Emfim, eis uma artista dramatica.

Gaby Morlay parecera sempre, aos seus amigos, uma mulher simples e alegre.

De algum tempo para cá, mostra-se atormentada.

Uma simples anecdota cabe bem aqui.

Representavam *Mélo*.

Gaby Morlay, na peça, morre dois quadros antes do fim.

Na scena que se segue, os dois homens que a amam vão ao seu tumulo: é um dos trechos mais commoventes da peça.

Gaby Morlay dissera a ultima replica do seu papel.

Palmas, chamadas á scena, etc. Gaby Morlay subiu para o seu camarim e, pensando noutra coisa, cantarolava.

De repente, a silhueta de um homem pallido e nervoso surgiu na porta. Henry Bernstein.

Elle agarrou o braço da sua interprete e puxou-a.

— Venha commigo, Madame.

Da coxia elle mostrou-lhe o tumulo em scena e disse-lhe num tom tragico:

— Não se esqueça que está morta.

E desde esse dia, Gaby Morlay vive um pouco inquieta.

E' sabido o successo de Gaby Morlay no seu primeiro grande film: *Accusée, levez-vous*. Creou *Le Jour* no Gymnase. Passou para o Michodière.

Edouard Bourdet, ha muito, a queria para interprete. E ella creou, com Victor Boucher, a peça de Bourdet sobre a finança.

Uma unica sombra no quadro:

Os jovens autores se queixam de Gaby Morlay.

— Ella só representa os grandes expoentes, dizem elles.

— Para ella crear uma peça, é preciso que ao menos o autor tenha a "roseta".

Assim, jovens e antigos disputam a estrella do dia.

Mas talvez alguem os ponha, todos, de accordo: *o cinema*.

Os realisadores do film "Vinte e quatro horas da vida de uma mulher"". Kantinck, W. Rilla, André Lang, Landt, Batcheff, Schreiber, Marcelle Chantel, Henry Porten, Dr. Kaufmann.

Pequenas notas

A primeira vez que Victor Boucher, o grande e querido artista do palco, pousou para o cinema, declarou:

— Nunca mais filmarei! No film não se póde ter a satisfação que se sente no theatro. A atmosphera não é envolvente. As exigencias do *campo* são formidaveis..."

O primeiro film de Victor Boucher foi: *A doçura de amar.*

Mas... ha no cinema alegrias grandes... a de se rever, de se estudar, a de ser conhecido e amado no mundo inteiro...

Pensando em tudo isso, Boucher voltou a filmar...

— Sim... Resolvi filmar *Ganha a tua Vida*, de Willemetz e Pujol, e *Vinhas do Senhor.*

E foi para Boucher um prazer immenso crear mais uma vez o papel que elle conhecia a fundo.

Num scenario novo, a ordem imprevista das scenas torna difficil a creação dos personagens.

Boucher explica com estas palavras o que pensa como actor de cinema:

— Quando filmamos, nós nos divorciamos antes de estarmos casados; nós nos casamos antes de estarmos noivos...

Victor Boucher é um artista sobre o qual Lucien Guitry, Porto Riche, Chaliapine, Tristan Bernard e muitos outros traçaram palavras de admiração.

Pagnol, na primeira pagina de *Topaze*, fala no *genio* de Victor Boucher.

Edouard Bourdet escreveu sobre o seu admiravel interprete: "Elle sabe fazer rir. Elle sabe fazer chorar. Elle sabe uma coisa ainda mais difficil: sabe ter confiança."

Elle sabe tambem uma coisa bem rara: ser simples.

E' esse o homem que o cinema conquistou definitivamente.

JA' passou a época em que os criticos *competentes* escreviam: "Film sonoro? Talvez. Film falado? Nunca."

Hoje Bernard Shaw faz films falados, Pagnol prepara um para Chevalier, Marcel Achard vae partir para Hollywood. E não são apenas os homens de theatro que foram conquistados: Francis Carco começou um film para Dauria. Os grandes romancistas se interessam. Imaginem que formidavel atmosphera o autor de *La Rue* ou de *Prisons de Femmes* conseguirá levar para a tela! Esperemos um pouco...

Mona Maris e José Mojica no film "O preço de um beijo".

SALLY BLANE

JOAN CRAWFORD tem sempre com ella um barometro que nunca poderá perder. Possue as unhas mais longas de Hollywood e tambem as mais fracas: no tempo secco ficam quebradiças como vidro fino.

A primeira coisa que Joan faz ao despertar é estalal-as ligeiramente. Si resoam, o dia será bello; si dobram, Joan se prepara para a chuva.

KAY FRANCIS

IS

C I N E M A

DOUGLAS FAIRBANKS, o marido de Mary, o amante de Mary, o amigo de Mary, o unico confidente de Mary, o confessor de Mary, emfim, "Doug", o marido abençoado entre todos... é... ou por outra, não é mais feliz no lar! A ingenua da America deixou-o bruscamente por amor a um jovem galã que ha alguns mezes é o Valentino de Hollywood: M. C... R... E' o fim de uma bella lenda moral, a do mais perfeito casal do mundo (eis ahi um titulo vago) e a America inteira chora essa desgraça!...

DOROTY MACKAILL

BEBE DANIELS

Declarações de Joan Bennet

AOS dezoito annos, um bello dia, Joan Bennett arrumou o pyjama e a escova de dentes e deixou o collegio em Versailles para fazer um casamento romantico em Londres. Aos dezenove annos foi mãe. Hoje, vive em Hollywood, divorciada, com um nome feito, no cinema.

A mais moça das tres filhas de Richard Bennett, Joan é o typo perfeito da *jeune fille*, com os seus olhos esverdeados, e a apparencia fria e reservada, que é o segredo da attracção que exerce sobre todos.

— "Não penso em tornar a casar-me. Estou satisfeita por ter experimentado o casamento e os bébés quando era muito criança. Quando estudava em Waterburg, Connecticut, tomava sempre parte nas representações de amadores mas tinha certeza de que a minha carreira seria a de esposa de um homem encantador, com o qual viveria num *cottage* coberto de rosas e de hypothecas. Minha carreira theatral se decidiu de repente: meu pae me deu um papel na peça que elle representa ainda, *Jarnegan;* era o papel de uma pobre rapariga que morria no segundo acto. Havia uma outra que morria no primeiro. Na ultima representação de *Jarnegan*, em New York, John W. Considine, que se achava entre os espectadores, offereceu-me para ser a *partenaire* de Ronald Colman em *Bulldog Drummond*."

—"Estar em scena num theatro ou num studio não produz em mim nenhum effeito especial. Aos tres annos figurei numa peça que meu pae representava. Desde a mais tenra idade assisti a ensaios e conheço todos os segredos de *maquillage*..."

—"Penso que os momentos mais deliciosos da minha vida foram os passados em Versailles. Eramos oito moças no pensionato. Todas americanas. Habitavamos um lindo castello no centro de vastos jardins. Cada uma de nós tinha um immenso quarto com tres janellas. Viviamos como convidadas felizes em casa de amigos queridos. Os professores eram interessantes, amaveis, de espirito largo e se mostravam encantados com os amigos que iam procurar-nos. Duas vezes por semana nos levavam á Opera Comica e durante a estação de inverno á Opera. Foi durante a estadia em Paris que vi pela primeira vez Ronald Colman, no *Anjo das Trevas*. Entendia mal o francez e com difficuldade lia as legendas do film, o que não me impediu de chorar e chorar muito. Entretanto, naquella época não suppunha que um dia viria a representar com o mesmo homem."

O appartamento de Joan é numa immensa casa, genero castello, em pleno Hollywood. As janellas do quarto dão para um pequeno jardim e por traz do muro deste é a Franklin Avenida, com o seu transito ininterrupto de autos e omnibus. Escolheu essa casa porque gosta de barulho.

—"Mesmo de noite, quando estou deitada, gosto de ouvir ruidos de rua e sentir a vida correr continuamente. O barulho dos autos que passam em baixo não me incommodam, mas o coaxar dos sapos e o vento nas arvores, á noite, me perturbam horrivelmente, e então não respondo por mim."

Joan — como as suas irmãs Constance e Barbara — é uma curiosa e indecifravel personalidade.

Adoravel *jeune fille* que inspirou todas as mysteriosas aventuras de Ronald Colman em *Capitão Bulldog*.

As 4 paixões de Carlíto

HELÉNE MORGAN

Si Carlito fosse criança o chamariamos de selvagem. Detesta ser apresentado a desconhecidos e tem horror que introduzam junto delle caras novas. Quando filma, não tolera a presença de nenhum estranho. Si um jornalista encontra um meio de intervistal-o — verdadeiro *tour de force!* — consegue dizer apenas banalidades. Mas com os intimos expande-se, ri, ou se deixa levar naturalmente para a habitual melancolia.

Quando não se occupa estrictamente do cinema mudo, sua primeira paixão, outras o dominam imperiosamente: a musica, segunda paixão; o tennis, terceira; Napoleão, quarta. Na sua villa de Beverley Hills, si chega alguma visita quando elle está tocando orgão, não póde deixar de, durante a palestra, dar alguns accordes em surdina, timidamente, maliciosamente.

GARY COOPER

Carlito possue tambem o dom da imitação vocal; consegue imitar todas as vózes, todos os sotaques. Si elle não fosse Carlito, realisaria com facilidade uma fortuna nos films falados graças á prodigosa maleabilidade de sua vóz e aos seus dons musicaes. Mas elle quer continuar Mudo, só Mudo. Para elle a palavra é um meio de expressão banal, inferior, despresivel. Seria o actor mais agradavel de se ouvir, pelo timbre claro da sua vóz e a pronuncia ingleza pura... mas recusa-se a modificar o seu typo Carlito.

E' bom evitar de discutir com elle sobre a questão do film falado. Porque é perigoso; elle se excita muito; cada um continua com as suas opiniões e podem resultar desintelligencias desagradaveis. Carlito fala sempre com prazer no seu grande sonho: representar o papel mudo de Napoleão.

Carlito é admiravel porque se revela tal como é, timido até á selvageria, bom até á fraqueza, triste até o soffrimento.

De oito annos para cá sempre que termina um film, declara que o proximo será consagrado a Napoleão. Essa incarnação historica é um grande ideal de Carlito. Obedece, sem duvida a duas razões inconscientes: elle é inglez e nasceu em Fontainebleau.

F. M. e R. C-P.

Guerra, flagello de Deus

Film extrahido do romance "Os 4 de infanteria" ("Vier von der Infanterie"), de Ernst Johannsen, dirigido por G. W. Pabst. E' a replica allemã ao film "Sem novidade no front". Será exhibido de hoje a 8 de Maio, no cinema BROADWAY.

G. W. Pabst é o maior director de cinema dos tempos modernos. E' esta a opinião quasi unanime da critica da Europa.

Sua arte, sobria e humana, sem ornamentos decorativos inuteis, não possuirá, talvez, a seducção das de um Sternberg, e de um King Vidor. Mas é, sem duvida, muito mais solida.

Pabst, ao contrario de Abel Gance, Einsenstein, Fritz Lang, Frank Borzage, considera a technica como meio e nunca como fim.

E eis porque é difficil isolar detalhes em seus dois maiores films, que o tornaram verdadeiramente notavel: *A tragedia da mina*, de que conhecemos apenas o éco do successo europeu, e *Os quatro de infanteria*, que vae passar no Brasil com o nome de *Guerra, flagello de Deus*.

Ha grandes affinidades nessas duas obras primas. Em ambas, a finalidade é profundamente, admiravelmente humana e consoladora. São dois poemas de fraternidade universal e dois libellos formidaveis contra as forças politicas e sociaes que levam os homens ao odio absurdo de raças e de castas.

Guerra, flagello de Deus, está começando a ser exhibido no Rio. A guerra, uma das maldições do Apocalypse, vae passar, com todos os seus horrores e suas miserias, cheias de verdade e de grandeza, deante da emoção do espectador brasileiro.

Elle vae viver minutos intensissimos de sensações brutaes.

Eram quatro homens desgraçados que a vida dos dias sombrios em que se luctava atirou ao mesmo pedaço de terra dilacerada.

Esses quatro homens vão encher de lagrimas os olhos bons e meigos de nossa gente...

THEATRO

R. Magalhães Junior

A decadencia do nosso theatro de revista é cada vez mais patente. A culpa é, sobretudo, dos emprezarios, que sempre julgaram mal o publico e entendem que o caminho do exito é a enscenação de "chanchadas", de borracheiras de tal maneira imbecis que justificariam as mais completas vasantes e as mais energicas vaias.

Convencionou-se que o autor de revistas deve, antes de tudo, escrever mal e ser indigente de imaginação. As revistas, em geral, só têm de novo o titulo e, ás vezes, nem isso, porque frequentemente os revistographos displicentes se soccorrem, nas aperturas, de estribilhos de marchas e sambas que se tornaram populares.

Quando sóbe o panno, certificamos que a revista é uma simples reedição de peças que estamos fartos de conhecer. O inevitavel portuguez, o indefectivel soldado de policia, o eterno caipira, o classico malandro do "paco" e das serestas e a mulata do morro repetem velhas anecdotas e situações sovadissimas, que já não arrancam um sorriso aos espectadores e, ao contrario, confrangem e desolam pela precariedade de idéas que revelam.

Os elencos soffrem do mesmo mal. Não se renovam jamais. As companhias novas são sempre compostas com figuras velhas, que o publico já se cançou de vêr. Ha actores e actrizes que atravessam, não uma simples temporada, mas a vida toda, repetindo os mesmos gestos e as mesmas attitudes. Fulano faz o turco. Sicrano o portuguez. Beltrano o allemão ou o italiano. São especialisações, como se a arte de ser actor não se medisse pela versatilidade interpretativa, pela habilidade de variar, de ser sempre different, sempre "outro".

O successo de um dia é, pela obstinação de artistas e emprezarios e pela condescendencia nociva dos autores, transformado em fracasso perenne. Porque, quando alguem tem de escrever uma peça para um theatro de revistas, recebe uma advertencia prévia: "Não se esqueça de encaixar um portuguez, um turco e um allemão. Olhe que temos sob contracto o Fulano, o Beltrano e o Sicrano... E uma bôa mulata para a Fulaninha, ouviu?"

E' o bastante para embaraçar a imaginação do autor, cortando-lhe os vôos, atrapalhando os planos já estabelecidos para a peça. Estão, desse modo, subordinadas as scenas comicas a um criterio irrevogavel.

E a peça, em seguida, toma corpo com a addição de meia duzia de "sketches" que reprisam velhas piadas escabrosas, quasi todas já contadas pelo Conselheiro XX. Có apparece um "sketch" novo quando algum dos nossos revistographos vae a Paris, como o sr. Marques Porto, ou a Nova York, como o sr. Oduvaldo Vianna .. As viagens inspiram muito os nossos homens de theatro...

O peor, entretanto é que, ás vezes, uma empreza de films toma a iniciativa impertinente de transformar um desses "sketches" em "short" cinematographico, como aquella scena de comedia da mulher que se apaixona pelos militares, na revista "Diz isso cantando"..., que a Universal Pictures converteu na pellicula "Baita desfile", interpretada por Slim Summerville, Eddie Gubbon e Pauline Garon e exhibida no Pathé Palace. Descobrem-se, assim, delictos comprommettedores. Mas, no Brasil, ninguem se preoccupa com taes ninharias. O processo já está consagrado. A usurpação das obras alheias não é considerada um testemunho de deshonestidade, mas uma prova saudavel de intelligencia .. E, depois, para que fazer celeuma em torno de um simples "sketch", quando ha quem roube serenamente comedias inteiras?

Mas... voltemos á revista. Já estava quasi completa a peça. Faltam apenas as cortinas musicadas, as canções em duetto, com côro e bailados ou de qualquer outro modo. Resolve-se facilmente o problema com uma cortina de hespanholas, outra de japonezas e outra de banhistas, para aproveitar artigos guarda-roupas, e com um "ballet" russo por dansarino polacos que fizeram parte da Opera de Petersburgo ao tempo da imperatriz Catharina... No final, mistura-se tudo: é a apotheose. A claque guincha, berra, bate palmas e pede bis...

MARTA ABBA que Pirandello trouxe ao Rio e que é uma das mais extranhas artistas da Italia.

Depois de assistir a um desses espectaculos, eu saio surprehendido e admirado. Porque continúa intacta, apezar de tudo, a precaria mobilia dos theatros...

Maria das Neves

Maria das Neves

Philomena Casado

THEATRO CARLOS GOMES

A Companhia Portugueza de Revistas Maria das Neves-Carlos Leal, estreará no proximo dia 3 de Maio no novo, elegante e confortavel Theatro Carlos Gomes.

O facto não é auspicioso apenas pela circumstancia de se ver continuada uma temporada de arte scenica iniciada com geraes applausos. A' figura famosa de Fatima Miris, no palco do Carlos Gomes, substitue o admiravel conjunto lusitano que se recommenda não apenas pelos dois nomes illustres que lhe dão nome, mas, tambem, pela belleza e communicativa sympathia de suas jovens artistas, das mais bellas que o velho Portugal envia ao Brasil como representantes da sua cultura. Cercando Maria das Neves, o publico terá contacto, logo em "Zaz Traz-Paz", revista de estréa, com os astros principaes do theatro ligeiro lusitano, que são Philomena Casado, Maria Brazão, Elisa Guisette, Emma d'Oliveira, Albertina Ramos, Margarida de Almeida, Miquelina Rodrigues e Carminda Pereira.

Carlos Leal e Maria das Neves

J o s e p h i n e   B a k e r

feita com Josephines Bakers.

O publico perdeu a cabeça.

MÃO CHEIA

O NAUFRAGO

Inglaterra. Pleno campo. Nove horas de noite. O vento ruge; a chuva alaga tudo.

Batem na porta do pequeno *cottage*. Mary vae abrir e encontra um velho tremulo:

— Escapei, diz o homem com vóz sumida, ao naufragio do *Southampton!*

John, que está na sala, exclama:

— Mande esse desgraçado entrar; depressa Mary, traga gin para o aquecer...

E' uma honra para nós acolher um naufrago do *Southampton*... Um naufragio unico nos annaes maritimos... 1.200 pessoas no mar!... Vamos, depressa, Mary, depressa!...

Trocam a roupa do velho, friccionam-lhe o corpo.

Depois de bem lavado, penteado, mettido num roupão de John, elle se senta junto do fogão.

— Então, diz John accendendo o cachimbo, conte-nos a sua odysséa... Como se passou a tragedia?...

— Oh! fez o velho corando, muito simplesmente!...

— Muito simplesmente!... oh! o senhor é muito modesto... um nobre *gentleman*... Vamos, explique...

— Ah! exclamou o velho com um sorriso de felicidade; escapei ao naufragio de uma maneira muito simples... no ultimo momento perdi o navio...

Suzy Prim dá uma licção de "maquillage" a Jules Berry, ou é o contrario?

William T. Tilden, grande campeão detentor da Taça Davis. Actualmente Tilden trabalha em films, sonoros educativos, sobre o tennis.

O GORRO

Na prôa de um transatlantico está Tommy, cinco annos, filho do riquissimo Archibald Leed, brincando sob as vistas paternas. De repente, uma onda formidavel precipita a criança no mar.

Corajosamente, um marinheiro, que assistira a scena, atira-se para a salvar.

Depois de esforços sobrehumanos, o bravo marujo agarra o garoto, do melhor modo possivel, batido por vagas fortes, e ganha o navio.

Então, encharcado, esfalfado, diz:

— Sir, consegui salvar o seu filho!

E sir Archibald, severo:

— Sim, e o gorro delle?

SERA' POSSIVEL?

O medico ao paciente que lhe exhibe as pernas cobertas de ecchymoses sangrentas:

— Ah, ah! já sei do que se trata. O senhor é campeão de golf?

O paciente:

— Oh! não, dr. Sou campeão de bridge.

RECEITA

Dr. — Minha senhora, tomo a liberdade de insistir mais uma vez, é absolutamente necessario que seu marido tenha o mais completo repouso. Aqui nesta caixa a senhora encontrará um soporifero.

Esposa fiel — Oh! muito obrigada. E quando devo administral-o ao meu marido?

Dr. — Mas o seu marido não tem necessidade disto, a senhora é quem o deve tomar.

Jazz da China. A musica interpretada pelos filhos do Celeste Imperio fica do outro mundo.

Por occasião de um concurso de pernas realisado em Paris, as concurrentes tinham o alto do corpo occulto para que o rosto não influisse no julgamento!... Tiraram as medidas exactas das pernas da vencedora para servirem de referencia...

Na Austria. O novo corpo de bailados da Opera de Vienna, que é considerado o melhor que ha.

A Machina d'agua

Murilo Mendes

No céo é tempo de entrudo,
prenderam a agua no céu.
Não tem agua para o milho,
nem agua para o animal,
nem para a moça morena
lavar o corpo dengoso,
nem para a criança beber
O nordeste está esperando
Telegrafam pra Lisbôa,
fica tudo com inveja.
As ladainhas choviam.
O nordeste está esperando.
Então o bom presidente
manda chamar o allemão,
encommenda um machinismo
que custa, em ouro sonante,
seiscentos mil contos de réis.
Parte gente pro nordeste,
acamparam, faz cidades;
o nordeste está esperando
a agua cahir da machina,
já que do céu não cahiu.
O nordeste está esperando.
Familias já se mudaram
para o sul, para o Japão
e muitas pro cemiterio.

O allemão não tem pressa.
— Os chopps que appareciam
nem davam pras encommendas.
Mas o nordeste resolve
esperar inda uma vez.
A machina está se fazendo,
está mas é caprichando.
A machina já se aprompto u
o nordeste inclina o corpo;
mas toda a agua que tem
no machinismo engenhoso
cahe em cima de um navio
onde o rei Alberto vem,
se transforma n'um repuxo
luxuoso e multicor,
o rei achou muito lindo,
a rainha achou tambem,
chegaram na capital
muito limpos e lavados,
ficaram aqui no bem-bom,
cahiam libras do céu;
depois voltaram pra Europa
quando passam no nordeste
o nordeste já seccou.

(Da "Historia do Brasil", no prélo)

A RONDA DOS PRISIONEIROS

(Desenho de H. Gomes)

Entre os livros

Dante Costa

CARTAZ

A litteratura brasileira continúa a ser uma das mais bellas intenções desta terra.

Não é mentira, não é pessimismo (Deus me livre) não é azedume. Mas quem se der ao trabalho de correr os olhos pelas estantes do Brasil ha de ver uma paysagem bem crestada. Parece que no terreno espiritual, a secca deixou de ser uma calamidade nordestina pra se tornar uma desgraça nacional. Os cerebros estão enxutos, estorricados. Não chove ha muito tempo

HERMAN LIMA

que acaba de publicar a terceira edição do seu livro: "Tigipió", um dos grandes exitos literarios dos ultimos annos.

em cima delles. Na terra tão arida morrem as arvores bonitas da intelligencia, e ficam aquelles cactus vistosos da mediocridade...

O Brasil está cheio de escriptores-cactus. Elles não crescem, apesar dos atrevimentos. Não sobem. Não se endireitam. Mas estão em toda a parte, porque se multiplicaram activamente e tomaram conta do mercado...

Agora só elles é que mandam. Mandam e orientam. Os cafés, as calçadas, as revistas, fazem a celebridade e o prestigio. Por camaradagem ou ironia. Mas os escriptores-cactus não sentem a realidade e continuam felizes...

Elles são os responsaveis pela benevolencia dos chronistas litterarios. Não vale a pena criticar. Não adeanta. O mal não tem geito. E' muito melhor não perder o bom-humor, coisa preciosa, muito preciosa, hoje em dia...

NOTICIAS

O escriptor Luis Martins, uma das figuras mais fascinantes da nova geração, e autor de "O homem que se diverte", comedia modernissima resolveu, não concorrer ao Premio de Theatro da "Fundação Graça Aranha".

* *

O sr. Leão de Vasconcellos vae publicar um novo livro de versos "Tatuagens sentimentaes".

* *

Já entrou para o prélo "Maria Leonora", romance que continua o "Veneno interior" do sr. Carlos Da Veiga Lima.

BADÚ, de *Arnaldo Tabayá* — Rio.

Aqui está um livro que não cansa, mas justifica o prazer da leitura.

Historia de um amôr contada com uma ternura envolvente e quiéta.

Badú, a dona do romance, fica logo nossa amiga. Tal a não cerimonia... Badú é do Norte. Ella trouxe no corpo e na alma o encanto bonito daquelles ventos leves, daquelles coqueiros verdes e daquelles mares namoradores da Lua. Ao contacto da terra carioca, não se modificou. Morando no morro, largou de lado a sensualidade que espóca por alli, não vio as grandes noites negras de samba e de loucura, só se deixou attingir pela poesia que é nossa e grita acima de tudo. Essa poesia, vinda da fonte pura do povo, é um detalhe que enfeita ainda mais a sua personalidade.

O sr. Arnaldo Tabayá escreve com uma elogiavel simplicidade. A sua "maneira" é moderna e facil. Elle fez um livro que se lê com emoção e se guarda com carinho.

OUTRAS REVOLUÇÕES VIRÃO... — *Mauricio de Medeiros* — Rio.

O sr. Mauricio de Medeiros neste livro estuda a Revolução de 1930 sob um prisma absolutamente original. Para elle o que gerou desde 1891 uma crescente intranquillidade no povo brasileiro foi o regimen presidencial. E mostra os seus defeitos, com casos concretos da nossa historia politica republicana, desde os primeiros governos até ao governo do sr. Washington Luis. O livro não se póde dizer que seja parcial, embora nelle se encontre não raro uma sensivel admiração pelo sr. Washington, a quem não attribue erros pessoaes, mas antes erros consequentes á propria essencia do regimen. Si a Revolução de 1930 triumphou, diz o sr. Mauricio de Medeiros, foi porque o Povo estava cançado de regimen presidencial. Todas as tentativas anteriores — campanha civilista, reacção republicana — não eram mais do que explosões desse malestar causado no Povo pelo presidencialismo. E tudo de quanto se accusa o que actualmente se chama a Republica velha, não é para o sr. Mauricio de Medeiros senão o fructo do proprio presidencialismo.

Isto posto, o sr. Mauricio de Medeiros estuda as principaes doutrinas politicas que pódem servir de base á formação de Partidos e conclue que, para que qualquer dellas possa aspirar a victoria, é indispensavel, que o regimen politico a adoptar-se na proxima Constituição seja o parlamentarismo. Em apoio de sua these mostra que todas as novas Constituições da Europa são parlamentaristas. Examinando o caso brasileiro acha que esse é o regimen radicalmente brasileiro porque de accordo com a nossa tradição. E termina affirmando que si da actual Revolução resultar a permanencia do regimen presidencial, "outras revoluções virão..."

Todo o livro é escripto com aquella clareza que caracterisa o seu estylo, de tal fórma que tudo fica limpido, transparente e prende o leitor ás palavras e ao pensamento do bello escriptor que é o sr. Mauricio de Medeiros.

HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO — *Achilles Alves* — Rio.

E' um volume de muita utilidade para os que se iniciam nas coisas da Historia. Aliás, o seu fim é esse mesmo: foi feito de accordo com o programma do 1.º anno do curso gymnasial.

O autor, que já firmara outros trabalhos de poesia e ensino, tem uma rara clareza de expôr os factos. Os capitulos se desenrolam naturalmente e tudo é evocado com a simplicidade e a correcção exigidas em livros desse feitio.

Para maior facilidade de comprehensão todo o volume é illustrado com mappas e gravuras attrahentissimas e escolhidas habilmente.

Essas "Noções de Historia da Civilização" são um dos livros mais attrahentes no genero e marcarão para o professor Achilles Alves um successo muito justo. E andaria muito bem o Autor se ampliasse essas noções e transformasse o seu livro, na proxima edição, em compendio para ensino mais adiantado, segundo a orientação dos outros annos do curso.

REPORTAGEM

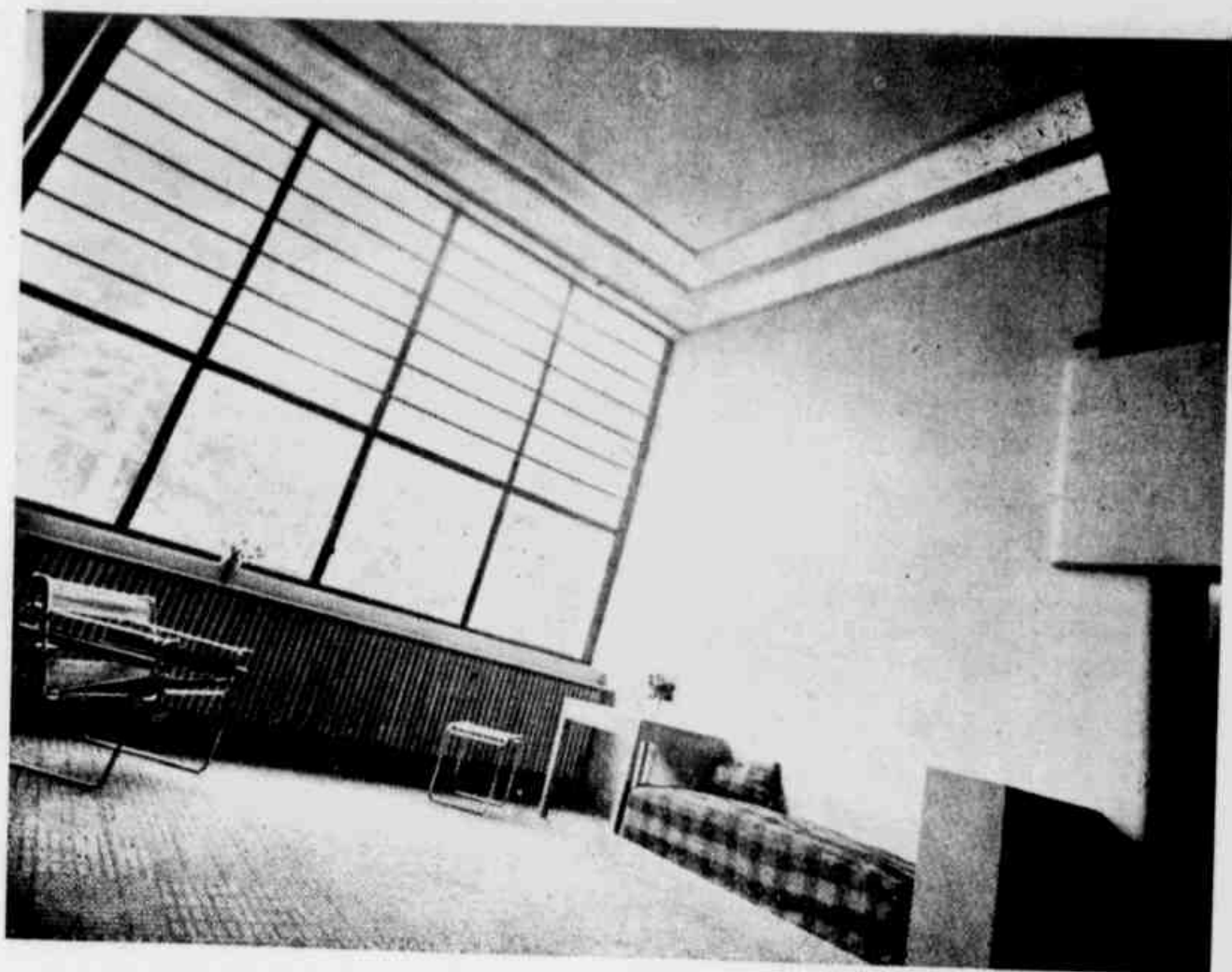
No Tijuca Tennis Club durante o baile de sabbado passado.

No Studio Nicolas antes da audição que a cantora Lucina Soeiro, de volta da Europa, offereceu á imprensa e durante a qual foi muito festejada.

No Centro Mattogrossense quando ali se realisou um "matte dansante".

MODAS

OS chapéos enterrados na cabeça, projectando uma leve e favorecedora sombra sobre o rosto, verdadeiros paraisos para as mulheres de nariz comprido, desappareceram por completo, para ceder logar aos minusculos, hypotheticos modelos que ou cobrem apenas um lado da cabeça, ou apenas o alto. Ha alguns mezes tentaram o resurgimento dos *cloches*, dos *canotiers* estylisados e das grandes *capelines*. Tudo inutil. A mulher de hoje quer que a moda seja elegante e *pratica*. Ora, nada mais incommodo do que um chapéo grande. Mostramos nesta pagina cinco modelos executados por MADAME ZÉZÉ, 42, rua do Passeio. O primeiro, em fina palha verde esmeralda com um *drapé* em velludo preto; o segundo, em bankok vermelho persa com uma penna punhal preta; o terceiro, em palha flexivel azul rei, ligeiramente *drapé* de um lado sob larga ponta de velludo preto, o quarto, em setim preto franzido do lado, o quinto, em palha preta, aba enrollada, guarnecido com uma fantasia de pennas brancas e pretas.

Architectura Moderna

Em cima e em baixo: dois aspectos de uma "villa" construida em Grandchamps por Philippe Jourdain: vidraça para a illuminação do "living-room" e o living-room" e salão de musica em conjunto. No centro: um recanto para fumar.

AS CREANÇAS
E OS VELHOS
Nas Creanças, a tosse é um mal quasi que permanente. Sejam sadias ou doentes, as creanças não escapam á visita frequente da tosse. E o "Bromil" na tosse das creanças, é de um effeito admiravel, bem como na coqueluche, cujos accessos cédem rapidamente ao poderoso xarope.
Para os Velhos, o "Bromil" é uma protecção providencial: combate a chamada Tosse dos Velhos e, acalmando os accessos que se manifestam de preferencia á noite, permitte ás pessoas de edade o beneficio de poderem dormir tranquillamente.
KOHOUT NEWYORK
TOSSE ? BROMIL